

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

LUCAS MOREIRA CESAR FERNANDES

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL PARA A
PRÁTICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT)**

SÃO PAULO-SP

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUCAS MOREIRA CESAR FERNANDES

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL PARA A
PRÁTICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (AT)**

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia da Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo

Orientador: Prof^o Dr. Luis Eduardo
Franção Jardim

SÃO PAULO-SP

2020

AGRADECIMENTOS

É fundamental reconhecer que este trabalho, apesar de ter sido produzido por mim, não seria possível sem a contribuição, direta ou indireta, de muitas pessoas. Sou muito grato por ter recebido tanto apoio durante toda a graduação, tanto de amigos, como familiares e professores que, sem dúvida, compartilham comigo da confecção deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Ana Maria, e ao meu pai, Marcelo, por me apoiarem incondicionalmente desde o momento em que decidi cursar Psicologia. Tenho total segurança para afirmar que o suporte de vocês, em todos os sentidos, foi fundamental para que eu construísse a minha segurança de ter feito a escolha certa. Também agradeço ao meu irmão, Paulo, pela parceria e amizade construídas nesses últimos anos que proporcionam trocas incríveis.

Agradeço ao querido professor, supervisor e amigo Arthur Tufolo pelas aulas no curso de formação em acompanhamento terapêutico, pelas supervisões e pelos aprendizados. Acima de tudo, sou grato por termos cruzado nossas caminhadas nessa jornada incerta da vida e por me trazer tantas reflexões, questionamentos e aberturas de compreensão da vida. Todos os momentos de troca foram muito enriquecedores e tenho admiração enorme por esta pessoa. Agradeço, afinal, pela disponibilidade, entusiasmo e colaboração com que aceitou participar da entrevista neste trabalho, oferecendo considerações que trouxeram o brilho e profundidade das análises.

Agradeço imensamente ao meu orientador, o Prof^o Dr. Luis Eduardo França Jardim, pela tranquilidade e segurança que transmitiu desde o primeiro momento da construção deste TCC. Não tinha tido contato com esse querido professor durante a graduação até o momento deste trabalho e posso afirmar com toda a certeza de que me sinto extremamente feliz e grato por suas contribuições e por tê-lo conhecido neste momento de finalização do curso. Desde sugestões de bibliografias, correções e apontamentos, até as conversas, trocas e descontrações sempre me senti muito seguro e bem orientado. É fundamental ressaltar a sua postura acolhedora, principalmente no momento da finalização deste trabalho, ocorrida durante a pandemia mundial do coronavírus, em que tivemos que nos adaptar abruptamente a uma nova rotina e a condições bastante adversas de trabalho. Luis sempre esteve disponível para conversa de

forma extremamente acolhedora, sem provocar nenhum tipo de pressão ou desconforto. Por isso, sou grato.

Também quero agradecer do fundo do meu coração a todas as minhas amigas e amigos com as quais compartilho esta caminhada ao longo do curso de Psicologia. Sou incomensuravelmente grato à Nina, pela parceria, amizade e intimidade desde o primeiro momento; à Gabi, por seu carinho, sinceridade, amor e confidencialidade; ao Arthur, pelas trocas ricas e descontraídas; à Gi, pelo amor e carinho, pelos aprendizados e pela parceria no trabalho e na vida; à Flavia, por seu acolhimento apoio, preocupação e sensibilidade; ao Caio, pelos olhares sinceros e compreensivos, pela escuta atenta e acolhedora; ao Zé, por sua leveza, parceria e amizade; ao André, por sua atitude amorosa, sensível, inteligente e confiável; à Fê, por todos os abraços que falam mais do que qualquer palavra e à Alê, pela amizade, trocas sinceras, cumplicidade e parceria no trabalho de iniciação científica. Por todo o amor, carinho, confiança, intimidade e afeto com que construímos nossas relações de troca e crescimento, eu lhes agradeço. Tem sido um prazer e uma honra poder compartilhar com vocês a experiência de tornar-se psicólogo e aprender com vocês, a cada dia, a ser uma pessoa melhor.

Agradeço também aos meus professores e professoras das disciplinas de fenomenologia existencial ao longo do curso. Luciana Szymanski, Ari Rehfeld, Marcelo Sodelli, Carlos Eduardo Freire, Miguel Perosa e Marcos Colpo, sou muito grato por oferecerem a possibilidade de eu me aproximar cada vez mais dessa compreensão da existência humana. Em especial, agradeço ao professor Marcelo Sodelli, quem admiro muito como ser humano e como profissional, e que também aceitou ser parecerista deste trabalho.

Sou grato a todas as outras pessoas que contribuíram na minha formação como AT. À toda a equipe do CAPS Itapeva, em especial Lúcia e Dani, deixo meu agradecimento pela parceria no trabalho lá realizado.

À toda a equipe do Residencial Terapêutico Vila São Paulo, onde trabalhei como AT por 2 anos, agradeço o espaço de troca, crescimento e aprendizado. Especialmente a Léo e Cecília, agradeço pela recepção acolhedora e confiança desde o início.

Ao Universo, agradeço por todos esses seres humanos incríveis terem cruzado o meu caminho trazendo amor, acolhimento, trocas frutíferas, questionamentos, aprendizados, crescimentos e abundância.

Compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não entender. Era ruim, mas pelo menos se sabia que se estava em plena condição humana.

(Clarice Lispector)

Área do conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: Contribuições da fenomenologia-existencial para a prática do acompanhamento terapêutico (AT)

Autor: Lucas Moreira Cesar Fernandes

Orientador: Profº Dr. Luis Eduardo França Jardim

Ano: 2020

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico; Fenomenologia-Existencial; Liberdade; Serenidade

RESUMO

Partindo-se de uma experiência própria de formação para Acompanhamento Terapêutico (AT) na abordagem da Psicologia Fenomenológico-Existencial e da escassez de bibliografia sobre esta prática orientada por esta visão filosófica, o objetivo deste estudo foi explorar e aprofundar o campo de conhecimento da prática do AT orientada pela fenomenologia-existencial. Foi utilizado o método qualitativo, através de uma entrevista semiestruturada com o psicólogo e acompanhante terapêutico Arthur Tufolo. A partir do que foi levantado na entrevista, três noções se destacaram como fundamentais para o trabalho do AT sustentado pela visão da fenomenologia existencial: “Liberdade”, “Serenidade” e “A cada vez”. Este trabalho buscou aprofundar cada uma dessas noções para discutir sua importância para o trabalho do AT.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Histórico do Acompanhamento Terapêutico	7
1.2 Características do Acompanhamento Terapêutico.....	10
1.3 A compreensão fenomenológico-existencial do ser humano	12
1.4 Sobre Angústia e Culpa	15
1.5 A compreensão da Psicologia Fenomenológico-Existencial como orientação para o trabalho do Acompanhante Terapêutico (AT)	17
2 MÉTODO	21
2.1 O entrevistado	21
2.2 Procedimento de coleta de dados	21
2.3 A entrevista	23
2.4 Procedimento de análise	24
3 DISCUSSÃO E ANÁLISE	25
3.1 Liberdade	25
3.2 Serenidade.....	32
3.3 A cada vez.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
6 APÊNDICE	51
6.1 Entrevista	51

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho diz respeito à atuação do/a acompanhante terapêutico/a sob a perspectiva da fenomenologia-existencial. Ou seja, discute-se a respeito dos entrecruzamentos e contribuições que se podem levantar no cotejo entre a **fenomenologia-existencial** e o **acompanhamento terapêutico (AT)**.

A relevância deste tema se dá pelo fato de que a perspectiva clínica do AT amplia os horizontes terapêuticos para seres humanos que não têm a possibilidade de frequentar um consultório ou que demandem um acompanhamento terapêutico em seu cotidiano, seja em casa, na rua ou em alguma instituição à qual estejam vinculados. Além disso, a literatura a respeito das contribuições que a fenomenologia-existencial pode trazer ao campo do AT ainda conta com poucas produções, ou seja, este é um tema pouco explorado academicamente.

Ao contrário, são mais facilmente encontrados trabalhos sobre a prática do AT através de outras perspectivas da Psicologia, como Psicanálise ou Análise do Comportamento. Um trabalho como este, portanto, justifica-se, também, ao construir e ampliar a literatura, ainda escassa, sobre AT na perspectiva da Fenomenologia-Existencial.

1.1 Histórico do Acompanhamento Terapêutico

O Acompanhamento Terapêutico (AT) tem suas raízes nas primeiras experiências de reformas psiquiátricas em países europeus como França, Inglaterra e Itália. Segundo Gonçalves (2011) a psicoterapia institucional de François Tosquelles, na década de 50 surge, na França, como forma de criticar o adoecimento pelo qual passam as próprias instituições e apontar que estas também deveriam ser tratadas. Esse momento era fortemente marcado por instituições de internação, controle e coerção dos pacientes, muitas vezes se assemelhando a prisões.

Como forma de superar a verticalidade das relações institucionais médico-paciente, segundo a autora, o psiquiatra francês trabalhou no sentido de abrir espaços de

construção coletiva da própria gerência, que participava de ateliês, oficinas e da limpeza do Hospital Saint Albans, onde se deu essa experiência.

Junto ao movimento de contestação cultural e política ocorrido nos anos 60, surge, na Inglaterra, a antipsiquiatria. Segundo Amarante (2007), esse movimento passou a entender a loucura não enquanto um corpo ou mente doentes, numa perspectiva científica psiquiátrica, mas sim uma forma de estar no mundo adoecida em termos de relações consigo, com a família e a sociedade.

Dessa forma, o autor mostra como os psiquiatras Ronald Laing e David Cooper passaram a considerar que as pessoas ditas loucas sofriam esquemas de opressão e violência nas instituições psiquiátricas muito similares aos que emergiram em suas relações com a família e sociedade.

Dessa forma, segundo Amarante (2007, p.52) estes psiquiatras “elaboraram a hipótese de que o discurso dos loucos denunciava as tramas, os conflitos, enfim, as contradições existentes na família e na sociedade.” Sobre a antipsiquiatria, o autor tece a seguinte consideração:

o termo eleito [antipsiquiatria] procurava apontar para a ideia de uma antítese à teoria psiquiátrica, propondo compreender que a experiência dita patológica ocorre não no indivíduo enquanto corpo ou mente doente, mas nas relações estabelecidas entre ele e a sociedade. (AMARANTE, 2007, p.52)

Dessa forma, percebe-se como vai se construindo uma compreensão do fenômeno do adoecimento mais ampla, que transcende os limites da compreensão técnico-teórica da visão médica e das ciências naturais. Neste momento, passa-se a questionar se essa metodologia científica poderia ser importada para as ciências humanas como forma de compreensão do fenômeno do existir adoecido.

O trabalho do AT já começa a se esboçar na medida em que, segundo Amarante (2007), o conceito de doença mental passa a ser rejeitado, em seu sentido clássico. A conduta terapêutica seria, então, a de permitir que o indivíduo vivenciasse sua experiência de estar no mundo acompanhada de um terapeuta que oferecesse um espaço protegido, em que ela pudesse se reorganizar.

Já na Itália, durante os anos 70, conforme apresenta Gonçalves (2011), Franco Basaglia foi o precursor da reforma psiquiátrica com suas propostas de abolição da estrutura manicomial, extinção de tratamentos violentos e derrubada de muros para dar lugar às novas estruturas de cuidado em saúde mental. Dessa forma, criou, em Trieste, o Centro de Saúde Mental, uma rede de apoio que contava com atendimento ambulatorial, enfermaria de breve permanência, hospital-dia, serviço socioassistencial, além de atividades culturais e esportivas. Foi dessa forma que Basaglia tentou superar a exclusão do chamado louco e da loucura do convívio social, inspirado pelas ideias foucaultianas sobre a história da loucura. Percebe-se como esse movimento inspirou a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que existem atualmente no Brasil, para o cuidado em saúde mental e reinserção social, onde também atuam acompanhantes terapêuticos.

Gonçalves (2011) cita o *II Congresso Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental*, ocorrido em 1987, cujo lema “Por uma sociedade sem manicômios” motivou o início da Reforma Psiquiátrica brasileira. Já em 1989, surge o CAPS Itapeva, em São Paulo, o primeiro do Brasil, com a lógica de portas abertas e preceitos de participação ativa do usuário do serviço em seu projeto terapêutico, como forma de inclusão e reinserção social.

Estima-se que a figura do AT, antes chamado de amigo qualificado, tenha surgido no Brasil na década de 70, inspirado pela experiência de psicanalistas na Argentina, conforme cita Barretto (2005, pp.19-20):

Na Argentina, muitos psicanalistas estiveram ligados aos hospitais psiquiátricos. Dessa forma, criaram novas funções para os agentes de saúde mental denominadas: auxiliares psiquiátricos e em outros lugares, atendentes terapêuticos. As funções desses atendentes foram o embrião daquilo que mais tarde foi chamado amigo qualificado e, posteriormente, acompanhante terapêutico.

O processo acima descrito teve suas influências no Brasil. A ideia do auxiliar psiquiátrico passou por Porto Alegre (Clínica Pinel) e, por sua vez, chegou às comunidades terapêuticas do Rio de Janeiro, principalmente, à Clínica Vila Pinheiros. Porém no final da década de 70, como declínio e fechamento das comunidades terapêuticas, os auxiliares psiquiátricos continuaram a ser solicitados por terapeutas e familiares que buscavam uma alternativa à internação. Esse trabalho foi se solidificando e, hoje, eles se denominam acompanhantes terapêuticos [ou acompanhante terapêutico].

1.2 Características do Acompanhamento Terapêutico

O AT surgiu num movimento que buscou transformar a perspectiva clássica do entendimento de loucura, doença e patologia. Para uma nova compreensão do modo de existir adoecido e suas possibilidades de cuidado durante este movimento, Vincentin (2007, p.176) ajuda a entender como as experiências europeias de alternativas à psiquiatria clássica aqui citadas reforçam a ideia de que “os coletivos, a experiência em comunidade, a circulação no mundo, o encontro entre diferentes são os melhores dispositivos de tratamento, que passam a ser entendidos como espaços de cuidado, de produção de vida, de sociabilidade e de autonomia”.

Sob uma perspectiva psicanalítica, Sereno (2018), em sua tese de doutorado *O acompanhamento terapêutico como dispositivo transdisciplinar de articulação na cidade: a cena no AT* define o AT como um dispositivo ético-clínico-político de intervenção e articulação que favorece a construção de laços e redes de saúde e promoção de vida. Para a autora, o AT, além de circular por diferentes espaços físicos do território em que transita seu acompanhado, também perpassa diferentes espaços transferenciais. Dessa forma, possibilita trocas com o espaço e com outras pessoas, promovendo novos encontros para o acompanhado.

O AT, portanto, possibilita ao acompanhado um encontro terapêutico que transcende os limites de um consultório. Podendo atuar na escola, no hospital, numa residência terapêutica, em um CAPS, na casa da pessoa ou na rua, o AT propõe uma modalidade clínica que acontece na vida do sujeito acompanhado.

Paula Albano (2015), em sua dissertação de mestrado denominada *Quando o acompanhamento terapêutico encontra a escola: a construção de uma prática intercessora*, defende que a perspectiva do AT é a de recolocação do sujeito em contato com a realidade urbana para encontrar espaços de exaltação de suas possibilidades, e não de evidência de faltas. Ao promover o contato com novas formas de estar no mundo, não se pretende normalizar, corrigir ou curar uma estrutura psíquica adoecida, mas sim criar possibilidades de articulações novas e de criação de laços saudáveis com a família, território e sociedade.

Além disso, Palombini (2006) aborda a dimensão clínico-política do AT. Para a autora, o acompanhamento terapêutico é tanto político, pois surge num contexto de

reforma psiquiátrica e luta antimanicomial, envolvendo uma série de leis e políticas públicas, quanto clínico, porque o AT pressupõe a disponibilidade de encontro para o outro, de abertura para o desconhecido, de entrega, de onde podem emergir novas possibilidades.

Albano (2015) traz a noção de que o AT é o que complementa ou é concebido como a própria modalidade de cuidado designada para pessoas em situação de isolamento, com a circulação no meio social prejudicada, atuando de modo a ajudá-las a construir novos lugares de pertencimento social. Além disso, a autora afirma que o AT é uma prática heterogênea, ou seja, que pode acontecer na escola, na família, na rua, com pessoas de qualquer faixa etária e apoiada em qualquer abordagem teórica ou metodológica (fenomenologia-existencial, psicanálise, psicologia comportamental). Dessa forma, é um modelo de intervenção que acontece no cotidiano da pessoa, e não nos espaços tradicionais de cuidado.

Para corroborar essa visão, a tese de livre-docência de Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (2012), chamada *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia* traz a ideia de que o trabalho do AT está baseado em necessidades éticas fundamentais do ser humano. Sobre isso, o autor afirma que o AT é uma modalidade de cuidado que implica ofertar ao acompanhado relação, lugar e mundo para que possa se reorganizar existencialmente. Como já visto aqui, o autor também acredita que o adoecimento existencial não pode ser encarado como sendo apenas advindo de dinâmicas intrapsíquicas, mas também junto ao mal estar no mundo social e cultural em que o indivíduo está inserido.

Sobre esta oferta de um lugar no mundo, Gilberto Safra (2006, p.13) considera que a abordagem do AT é fundamental, principalmente “em uma época em que as novas formas de subjetivação surgem pela ausência de um lugar ético significativo que possibilite a constituição de si mesmo, ou pela solidão absoluta decorrente da ausência do rosto do Outro”.

Em seu artigo, o autor trabalha com o conceito winnicottiano de *placement*, que indica uma modalidade de intervenção clínica na qual entende-se que o terapeuta oferta um lugar ético em que o acompanhado possa se constituir. Dessa forma, a pessoa pode experimentar um lugar estável e indestrutível, em que possa de (des)organizar à sua maneira.

Assim, pode-se compreender o paradigma ético e clínico do AT como a oferta de um lugar existencial em que o sujeito possa ressignificar experiências de “lares” perturbados pelos quais já passou. Um paciente desorganizado precisará de situações em que possa desorganizar o ambiente. O AT, amparado por seu processo de terapia pessoal, supervisão e estudo, pode oferecer um espaço que leve em conta as necessidades do sujeito adoecido para que possa existir num lugar simbólico em que possa realizar e atualizar suas possibilidades.

1.3 A compreensão fenomenológico-existencial do ser humano

Considerando que este trabalho pretende tecer laços entre o acompanhamento terapêutico e a abordagem da Psicologia Fenomenológico-Existencial, é necessário um panorama a respeito desta perspectiva de compreensão e cuidado da existência humana. Depois, pretende-se realizar o cotejo entre os temas aqui estudados – AT e fenomenologia-existencial – objetivando sínteses, questionamentos e encaminhamentos.

Martin Heidegger (2015), em *Ser e Tempo*, elabora um projeto de compreensão do sentido do ser. Para isso, trata sobre a questão da angústia e culpa ontológicas, das disposições afetivas do *Dasein*, do ser como abertura, do ser-com-os-outros, do ser-para-a-morte. Enfim, o autor se prestou a desenvolver o que chamou de ontologia fundamental.

Para o autor, o *Dasein* é um ser-aí, ou seja, um ser-no-mundo, que constrói seu próprio mundo a partir de sua abertura existencial. O ser, portanto, se dá a partir de um mistério, abismo; não há uma causa específica. O ser aponta para um horizonte de possibilidades ao *Dasein*. A estrutura que dá condição de possibilidade do existir do *Dasein* é o fato de estar lançado no aí, seu lugar existencial, e de abrir a própria clareira de seu existir. Essa abertura sempre se dá através de uma tonalidade afetiva, de uma afinação de humor em que se encontra o *Dasein*. Isso quer dizer que sempre, e a cada vez, apreendemos os fenômenos a partir de determinado ponto de vista, com determinada qualidade de apreensão que ajuda a compreender o modo como a pessoa está no mundo em determinado momento. O *Dasein* pode estar afinado no tédio, no medo, no amor.

Heidegger (2015) também constrói a noção de que o ser-aí também é ser-com-os-outros e, fundamentalmente, ser-para-a-morte. A última possibilidade do *Dasein* é sua morte, sua finitude. Caminhamos em direção à morte, como nossa possibilidade mais

própria nesta ontologia fundamental. Onticamente, o autor diz que o *Dasein* se encontra distraído, ou seja, distraído de sua finitude num âmbito impessoal, impróprio dando conta de seu existir no mundo concreto.

Dessa forma, o *Dasein* transita entre momentos de flerte com o abismo existencial relacionado à finitude e momentos de queda no mundo ôntico, em que atualiza suas possibilidades conforme o mundo o convoca. Para sustentar sua existência, o *Dasein* se distrai de seu poder-ser mais próprio, a morte. A ontologia diz respeito aos modos de ser comuns a todo ser humano, como ser-para-morte ou a disposição afetiva em que se encontra. Já o ôntico trata da singularidade com a qual cada *Dasein* experimenta suas possibilidades ontológicas no mundo.

Como parte desta estrutura fundamental do existir, existe a noção de cuidado. A fenomenologia-existencial entende que curar e cuidar são equivalentes, pois quando o mundo convoca o *Dasein* a atualizar alguma de suas possibilidades e ele consegue corresponder, não fica em dívida consigo e encaminha com maior facilidade sua existência. Cuidar é, portanto, corresponder cuidando do que vem ao encontro, do que convoca, solicita o *Dasein*. Por outro lado, o estreitamento dessa possibilidade de atualizar o que vem a seu encontro e a crescente dívida consigo por não conseguir ampliar seu horizonte existencial e corresponder às convocações do mundo é que estão associados ao adoecimento existencial, segundo o pensamento de Heidegger (2017).

Além disso, essa ontologia fundamental enxerga o ser humano em sua totalidade, indissociado do mundo. Não cabe, portanto, a tradicional separação entre sujeito e objeto, pois o ser é no mundo, a partir do mundo que ele abre para si e com o qual constrói tramas de significados e atribuições de sentido.

Inspirados na ontologia fundamental de Heidegger, Ludwig Binswanger e Medard Boss vão construir o que se chama de *Daseinsanalyse*, a modalidade clínica de análise existencial do ser humano a ser usada como proposta terapêutica, inspirada na obra heideggeriana, em meados do século XX. Acredita-se que o ser humano não pode ser esgotado pela técnica e pela racionalidade científica e materialista até então vigente e esta modalidade tenta compreendê-lo numa totalidade existencial alternativa à visão de fixidez e controle das ciências naturais.

Como afirma Dulce Mara Critelli (1996) em *Analítica do Sentido*, a fenomenologia-existencial, enquanto epistemologia, não pretende fazer apenas uma

crítica às compreensões metapsicológicas e se colocar como verdade absoluta, pois não se trata de substituir uma verdade única por outra, nem de provar errado certo ponto de vista. Trata-se, portanto, de apontar as limitações do pensamento tecnocrata e materialista e de propor outras formas de compreensão do fenômeno da existência humana.

A autora mostra como a possibilidade de conhecimento das ciências se dá através da precisão metodológica, enquanto a perspectiva existencial inclui todas as incertezas e inseguranças como manifestações próprias dos entes. É por isso que “para a metafísica, o conhecimento é resultado de uma superação da insegurança do existir. Para a fenomenologia, é exatamente a aceitação dessa insegurança que permite o conhecimento” (CRITELLI, 2006, p.15)

Esta insegurança é constitutiva do ser humano, pois, “o mundo não consegue nos abrigar e acolher da mesma maneira como faz com os elementos naturais” (ibid. p.16). O mundo não nos oferece garantias de controle e fixação, por isso, habitar este mundo é habitar numa *inospitalidade*, que indica a não-pertença do ser humano, um desabrigo ou desamparo que tenta a todo tempo superar.

Além disso, Critelli (2006) aborda a questão da impermanência dos significados que atribuímos aos entes no mundo. As coisas continuam tangíveis e referenciáveis, mas o ente das coisas não coincide com seu ser. Há sempre uma distância entre um ente e o que se diz que ele é. Dessa forma, o ser das coisas não está nas coisas em si, enquanto entes físicos e nem na sua conceituação e significação, mas sim nos modos de se relacionar com elas. O ser emerge numa trama de significados e sentidos que os seres humanos tecem entre si para lidar com o mundo e se referir aos fenômenos.

Nunca se fala das coisas em si, mas de como essas coisas aparecem para alguém. Assim, essa ausência de sentido das coisas do mundo independente de alguém que lhes confira significação que reforça a ideia de inospitalidade do mundo, que é

uma sutil e poderosa trama de significação que nos enlaça e dá consistência a nosso ser, nosso fazer, nosso saber. Porém, uma trama fluida, que desaparece sob nossos pés tão logo o sentido que ser faz se dilui e, então, nos faz falta.

(...)

Esta experiência de inospitalidade do mundo, do nada em que se desfez ou ocultou o sentido que ser fazia para nós, e da mais plena liberdade

em que somos lançados independentemente de nosso próprio arbítrio, Heidegger a nomeia *angústia*. (CRITELLI, 2006, p.18)

É fundado na angústia, portanto, que o ser humano se lança para o mundo e abre toda sua possibilidade para ser-no-mundo. Paradoxalmente, essa angústia ontológica, ligada à inospitalidade, e a liberdade ontológica de conhecer o mundo, fundada nessa angústia, que regem a forma do *Dasein* de estar no mundo. A liberdade abre possibilidades, mas é angustiante na medida em que não traz seguranças ou certezas.

Segundo a autora, não é porque se criaram métodos científicos de controle da vida no mundo que se perde a condição fundamental de inospitalidade do mundo. Ainda precisamos construir sentido sobre os fenômenos à nossa volta para conferir alguma segurança ao nosso existir. Caso contrário, beiramos o abismo, flertamos com o vazio e nos apavoramos com a morte. A experiência humana é de incerteza, fluidez, liberdade e insegurança e “o homem pergunta pelo sentido do ser porque este vai embora” (ibid. p.21).

Heidegger (2015) aborda a era da técnica como o momento de evolução tecnológica em que o ser humano estaria usando os avanços da técnica a fim de superar essa insegurança ontológica. Entretanto, essa empreitada esbarra na impossibilidade de alterar essa estrutura ontológica fundamental do *Dasein*. Essa necessidade metafísica de controlar cada vez mais os modos de ser-no-mundo “implica numa desvalorização ética do homem em favor de uma atenção concentrada sobre os equipamentos e modelos de controle do mundo” (CRITELLI, 2006, p.22).

1.4 Sobre Angústia e Culpa

Medard Boss (1975), em sua obra “Angústia, Culpa e Libertação”, tratou da angústia vital, dos sentimentos de culpa e da libertação psicoterápica. Ao analisar angústia e culpa como fatores ontológicos constitutivos da vida dos seres humanos, propôs uma análise existencial que leva em conta o pensamento heideggeriano.

Para a ponte que se pretende fazer, neste estudo, com o trabalho do AT, é fundamental notar os apontamentos que Boss (1975) fez a respeito dos modos de manifestação dos fenômenos humanos. Despindo-se da mentalidade dinâmica que

objetiva o homem numa lógica causal que o decompõe para analisá-lo, o psiquiatra sustenta a ética de “recuperar o devido respeito diante da autenticidade e da originalidade dada de cada fenômeno humano. Temos que permitir que exista o que se manifesta, como aquilo que ele mesmo revela” (BOSS, 1975, p.25).

Ou seja, o autor reforça a ideia de que precisamos permitir que os fenômenos se mostrem por si, tais quais eles são. Na ânsia de delimitar causas e modos de funcionamento do fenômeno de ser humano, perdemos a manifestação própria dos fenômenos.

Em *Angústia, culpa e libertação*, Boss (1975) aborda a questão da angústia, que tem um *de que* e um *pelo que*, assim como colocado anteriormente por Heidegger (2015) no §40 de *Ser e tempo*. Isso quer dizer que a angústia sempre tem medo de um ataque à possibilidade do estar-aí. No fundo, a angústia teme a possibilidade de um dia o *Dasein* não estar mais aqui. O *pelo que* da angústia é a própria vida, o próprio estar-aí, ou seja, a preocupação em zelar por este. A angústia tem medo da morte e teme pela vida do *Dasein*.

Segundo Boss (1975), as angústias profundas dos seres humanos “são sempre medos da destruição e do não-poder-mais-ser deles próprios” (pp.27-28). A angústia é, portanto, inerente ao ser-aí, à vida, pois ela fala do medo da morte, do medo pela destruição do “estar-aí”. Segundo o autor, dessa angústia maior o ser humano não consegue se livrar, pois ela está intrinsecamente ligada à vida, enquanto sua possibilidade última é a morte, inevitavelmente.

Por outro lado, o autor levanta a ideia de que o contraponto à essa angústia de desamparo e, em última instância, morte, manifesta-se no amor, na confiança e no estar-abrigado. É na própria experiência de se perceber pertencente a um fundo inabalável e seguro que o ser humano pode se apropriar dessa angústia e seguir atualizando suas possibilidades. O trabalho do AT, como visto anteriormente, é o de propor este *placement*, este lugar seguro em que o acompanhado possa se organizar e se apropriar de si para poder-ser-com-os-outros.

Retomando o que foi colocado por Martin Heidegger (2015) em *Ser e Tempo*, Boss (1975) reforça a compreensão de que o ser humano existe sempre na relação com o que se mostra para ele, ou seja, é uma abertura compreensiva na qual as coisas se mostram. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma clareira, uma luz na qual se revele este poder-ser. Assim, a condição básica do ser humano é esta clareira, da qual os

fenômenos necessitam para se fazerem surgir. O *Dasein* é o ser de que, portanto, o mundo necessita para poder aparecer.

O ser humano deixa-se necessitar pelo mundo, que ele mesmo abre para si. Portanto, como condição básica, “deve” para o que é e o que pode ser. Dessa forma, os sentimentos de culpa se baseiam neste ficar-a-dever, como coloca o autor. Esta é a culpabilidade existencial do ser humano, pois não existe nenhum fenômeno de sua existência que não “deva”, que não seja um chamado, uma convocação para cumprir a missão de cuidar e atualizar aquilo que seu mundo impõe, daquilo que tem que aparecer e ser a partir da luz humana aberta nesta clareira existencial. Assim,

O ser humano é essencialmente culpado e assim permanece até a sua morte, pois sua essência não se realiza antes dele ter levado a termo todas as possibilidades de exploração provenientes de seu futuro e antes dele ter deixado desabrochar os âmbitos do mundo que aparecem na luz de sua existência. Mas, o futuro do ser humano, ele só o alcança completamente no momento da morte. (BOSS, 1975, p. 40).

A característica básica, portanto, da liberdade humana, para o autor se dá na possibilidade que o *Dasein* tem de corresponder ou esquivar-se da solicitação que o mundo lhe faz. Sua libertação ôntica deste estar-culpado vem justamente de estar apropriado desta condição existencial, de ficar à disposição para estas convocações que a vida lhe traz, pois é neste horizonte de convocação e atualização de possibilidades em que se encontra o sentido de sua própria existência.

1.5 A compreensão da Psicologia Fenomenológico-Existencial como orientação para o trabalho do Acompanhante Terapêutico (AT)

Como já abordado, a atuação do AT se dá na vida do sujeito, seja lá onde ele estiver. Fiel à lógica de Franco Basaglia de derrubada de muros institucionais, o acompanhamento terapêutico transcende as paredes do consultório para se fazer com o existir adoecido de um ser humano, seja lá onde ele estiver.

Inicialmente, como visto em Barretto (2005), a psicanálise dava maior embasamento a este trabalho. Independentemente de uma abordagem teórica o AT é

frutífero em casos de restrições existenciais nas quais o ser humano não encontra mais em si recursos para se apropriar de sua liberdade e autonomia.

O paradigma da fenomenologia-existencial traz uma compreensão do ser humano em sua totalidade, inseparado do mundo. Ao quebrar a dicotomia sujeito – objeto, imposta pelas ciências naturais e adotada por abordagens psicodinâmicas, a fenomenologia compreende o ser como ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte. É a partir dessa concepção da necessidade do ser humano de ser compreendido, de ter um lugar existencial seguro e de poder se apropriar de si para atualizar as possibilidades que lhe convocam que o trabalho do AT na abordagem fenomenológica se apresenta.

Antúnez (2012) afirma que o AT é singular porque acontece no encontro intersubjetivo de duas pessoas. A experiência é vivida em conjunto, sem a necessidade de ser narrada, pois acompanhante e acompanhado estão construindo juntos a vivência. Assim, “pode-se sentir e valorizar a singularidade do outro, sem necessariamente nomeá-lo ou interpretá-lo, mas contemplá-lo em sua complexidade como fenômeno estudado, sem restringi-lo à dimensão biológica ou psíquica” (ANTÚNEZ, 2012, pp. 90-91).

O autor cita a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua ênfase na afetividade como fator fundamental no trabalho do AT. Não se trata de enquadrar o acompanhado em alguma teoria, seja ela qual for, pois não se pode reduzir a experiência humana a uma teoria explicativa. Seria antiético sobrepor uma teoria ao encontro verdadeiro. Por isso, segundo Antúnez (2012) o AT, assim como a fenomenologia, desconstrói teorias pré-concebidas e permite entrar em contato afetivo com a intersubjetividade.

Não se pretende aqui, também, posicionar a fenomenologia-existencial como um paradigma que dita o que se deve fazer na prática do AT. A proposta é de situar essa abordagem como uma forma de compreensão dos fenômenos vividos, mas que não se sobreponha ao afeto presente num encontro de acompanhamento terapêutico.

No *Acompanhamento Terapêutico*, a atenção do acompanhante não só se dirige ao discurso verbal de seu paciente, mas principalmente ao seu modo de ser, às comunicações não verbais, ao desconhecido, ao diferente, ao semelhante, ao outro, ao indizível, ao mistério. O interesse não recai em um problema específico de interesse para o terapeuta, mas sim a atenção se dirige a todo ser diante de nós, àquele que acompanhamos, mas que também nos acompanha. A atenção se dirige ao sentir do próprio acompanhante e do outro, sente-se o próprio

sentimento. Interessa-nos tudo o que se revela no paciente durante a relação. (ANTÚNEZ, 2012, p. 92).

Sobre a prática do AT sustentada pela visão fenomenológico-existencial, Oliveira e Tufolo (2011) diferenciam os termos rigor e precisão. A orientação fenomenológica trabalha com rigor metodológico, diferente das ciências naturais que prezam por cálculos e comprovações precisas. Dessa forma, o modo de estar-com do AT sustentado por essa visão é o que, a partir de sua autenticidade, atravessado por sua própria experiência de desamparo existencial, se coloca de forma não indiferente frente ao sofrimento do outro, ajudando-o a tornar-se si mesmo.

Os autores entendem o acompanhar como um movimento de aproximação legítima, que respeita os limites do outro. Ao acompanhar alguém, existe, ainda, o risco de estar ao lado de uma pessoa sem de fato acompanhá-la. Sobre isso, eles resgatam o conceito heideggeriano de solitudine substitutiva, que contempla uma forma de estar-com que sobrepõe o outro, que faz no lugar dele e retira sua liberdade de ser si-mesmo ao substituí-lo. Ao contrário, deve-se estar-com num sentido de solitudine devolutiva, que devolve o outro para ele mesmo e oferece espaço de legitimação de seu modo de ser para que dele se aproprie.

Essa maneira de ser-com-os-outros favorece que o fenômeno se mostre tal qual ele é, sem críticas ou expectativas. Essa é a visão fenomenológica para o AT que possibilita uma experiência de confiança. Como trazem Oliveira e Tufolo (2011), confiar é “fiar-com”, ou seja, como numa analogia de quem costura, trança os fios em conjunto. Para os autores, é essa forma de atuação apoiada no cuidado e na assistência que deve prevalecer no terapeuta ou AT orientado pela metodologia fenomenológico-existencial.

Para esse modo de atuação, é fundamental a disponibilidade para a presença e para o encontro, que legitima a existência do outro e não a reduz a qualquer esquema de enquadre diagnóstico. Sobre isso, Juliano Pessanha (2000) faz apontamentos importantes:

Penso, com Heidegger, que a experiência que revela o caráter intrinsecamente sintomático de toda teoria não é uma experiência ensinável; ela acontece ou não. Dizer a alguém num instituto de formação profissional: “primeiro você vai estudar direitinho a teoria do aparelho psíquico e das posições de Klein, depois decorar todas as fases de amadurecimento de Winnicott ou as estruturas de Lacan, e feito isso você precisa saber que quando estiver escutando o outro você não

escutará a partir de nada disso, mas do lugar vazio que a angústia cavou.
(p. 92)

Oliveira e Tufolo (2011) afirmam que para poder estar com o outro em uma escuta propiciadora, o terapeuta precisa surgir em sua solidão. Só a partir da experiência própria de vivência verdadeira do AT é que ele consegue estar-com em ressonância. Os autores acreditam ser fundamental ao terapeuta e AT fenomenólogos “banhar-se na sua própria e profunda solidão, e contemplar o existir humano, em toda a sua complexidade e na riqueza de significações” (p. 63). Com isso, pode-se acompanhar terapeuticamente uma existência, possibilitando escuta e acolhimento que recolhem e libertam o outro para si mesmo, para que possa ser quem é. É um modo de estar com alguma existência que garante fidelidade e legitimidade ao fenômeno que se mostra, possibilitando um espaço vital para que seja ele mesmo.

Ao quebrar com a lógica de metas e objetivos a serem medidos das ciências naturais, temos que a perspectiva fenomenológico-existencial de acompanhamento terapêutico propõe que o objetivo do tratamento é o próprio tratamento. Ou seja, o objetivo é o próprio caminho. Não se fala em um objetivo final de cura, mas sim num processo de cuidado em si.

Considerando o que foi exposto sobre acompanhamento terapêutico, a compreensão fenomenológico-existencial do ser humano e as relações entre esses temas, o objetivo deste estudo é construir conhecimento para o campo de atuação do AT a partir da perspectiva fenomenológico-existencial heideggeriana. Foi realizada uma entrevista qualitativa exploratória para, dessa forma, responder à seguinte pergunta do problema de pesquisa: quais contribuições a compreensão da fenomenologia-existencial pode trazer ao acompanhamento terapêutico?

2 MÉTODO

2.1 O entrevistado

Este trabalho contou com uma metodologia qualitativa exploratória, que envolveu a realização de uma entrevista. O profissional escolhido foi Arthur Tufolo, psicólogo clínico e AT, que foi professor e supervisor do autor deste trabalho em seu curso de Formação em Acompanhamento Terapêutico durante os anos de 2017 a 2019. Arthur foi aluno de Medard Boss e outros filósofos, como Ernildo Stein, Benedito Nunes e Zeljko Loparic. Com este último Arthur fez uma especialização de dois anos em filosofia. De 2000 a 2018, criou e manteve o Projeto Humanitas, para formação de acompanhantes terapêuticos na abordagem da fenomenologia-existencial. Atualmente, continua oferecendo o curso de formação, de forma autônoma.

Este profissional foi escolhido para a entrevista porque tem mais de 40 anos de experiência na área, além da proximidade com o autor deste trabalho, já que foi seu professor e supervisor por 3 anos. Considera-se, portanto, que suas contribuições para o campo da atuação do AT embasado pela perspectiva filosófica da *dasein* análise são relevantes, dada sua formação e experiência no campo.

Dessa forma, Arthur Tufolo foi convidado a participar deste trabalho através de uma entrevista que abordou os temas julgados relevantes pelo pesquisador. O profissional consentiu com a participação e com o uso de seu nome neste trabalho, e a entrevista foi realizada.

2.2 Procedimento de coleta de dados

O método de pesquisa escolhido é qualitativo exploratório, o que significa investigar o campo sem pretensão de validação de hipóteses e sim para explorar o potencial de pesquisa futuro dessa área. Para tanto, foi utilizado o procedimento de entrevista reflexiva desenvolvido por Szymanski (2019), que é proveitoso em situações

de pesquisas qualitativas que buscam explorar os sentidos complexos de temas que seriam dificilmente desvelados utilizando-se de um método padronizado.

Segundo a autora, o papel do investigador, neste caso, é o de conduzir a pesquisa de modo que o sujeito não apenas a responda, mas de também trazer flexibilidade para que reflita e traga seus pensamentos a respeito do assunto, garantindo o caráter livre da fala do entrevistado. Como a situação de entrevista é uma forma de interação social, é neste momento em que se revelam os sentidos da fala do entrevistado, que vão se construindo conjuntamente com os questionamentos do entrevistado ao longo do processo (SZYMANKSI, 2019).

Essa interação envolve tanto a intencionalidade do pesquisador em direção à aquisição de informações e à criação de um ambiente confiável de troca, quanto a intencionalidade do entrevistado, que aceita participar da pesquisa e contribui para o trabalho ao ser ouvido e considerado. Dessa forma, existe um caráter de troca contínua de significados, de forma recíproca, com participação ativa de ambas as partes.

Para o entrevistado, “a entrevista também se torna um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para o interlocutor” (SZYMANKSI, 2019, p.195). Neste momento de interação, a narrativa construída pelo entrevistado é exposta de forma única, naquele momento e para aquele interlocutor, o que traz seu caráter de ineditismo.

As etapas desse modelo de entrevista incluem um contato inicial, o encontro em que se dá a entrevista e um terceiro momento de devolutiva. O contato inicial consiste na apresentação do pesquisador, explicação sobre o tema da pesquisa e convite à participação

No momento de entrevista, o pesquisador tem preparada uma questão desencadeadora, que se relaciona diretamente com os objetivos da pesquisa e serve como disparadora para a conversa. Essa questão, segundo a autora, deve focar o ponto que se quer estudar na pesquisa, mas também deve ser suficientemente ampla para garantir o caráter de liberdade à fala do entrevistado. O objetivo, neste momento, é trazer as primeiras elaborações da pessoa a respeito do tema, segundo Szymanski (2019).

Ao longo do encontro, o entrevistador vai apresentando ao seu interlocutor as compreensões que faz a respeito de sua fala. Isso não tem um caráter interpretativo, apenas trata-se de descrições e sínteses das informações recebidas de forma empática. Além disso, podem ser feitas questões de esclarecimento, quando algo parece confuso;

questões focalizadoras, quando a fala foge muito do tema; e questões de aprofundamento, quando a fala tangencia pontos que o entrevistador julga importantes serem explorados com maior riqueza de detalhes.

O momento da devolutiva, que confere o caráter reflexivo da entrevista, é feito em um novo encontro, no qual se apresenta a transcrição da entrevista. Então, expõe-se a compreensão do que foi construído durante a entrevista para o sujeito entrevistado, que traz suas considerações a respeito do material. O sentido deste novo encontro é legitimar a participação do entrevistado como contribuinte para a construção daquele conhecimento, que foi feita em conjunto com o entrevistador. Como traz a autora, “reflexividade tem, aqui, também o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade” (SZYMANSKI, 2019, p. 197). Esse retorno ao entrevistado confere um compromisso ético, pois dá a ele o direito de ver e até discordar ou modificar suas proposições durante a entrevista, podendo construir ou alterar narrativas a partir da narrativa que o entrevistador lhe devolve, como reforça a autora.

Para essa entrevista, a pergunta disparadora é a mesma do problema de pesquisa: *quais contribuições a compreensão da fenomenologia-existencial pode trazer ao acompanhamento terapêutico?* Além disso, conforme o que foi articulado na Introdução, houve o foco em construir um caminho durante a entrevista que abordasse outros temas relevantes para responder ao problema de pesquisa.

Dentre estes temas, estão a postura do AT embasado da fenomenologia-existencial e como ela ajuda no cuidado de seres humanos em sofrimento; as relações metodológicas que se pode estabelecer entre a prática do AT e a fenomenologia-existencial e a noção de não se sobrepor um encontro humano com teorias explicativas, técnicas, metas e objetivos.

2.3 A entrevista

A entrevista foi realizada seguindo-se a metodologia de Szymanski (2019). Após o entrevistado aceitar a participação na pesquisa, foi feito um primeiro encontro em que se deu a entrevista, que foi gravada, com seu consentimento.

A pergunta disparadora da entrevista foi a mesma do problema de pesquisa, ou seja: quais as contribuições, na visão do entrevistado, a compreensão da fenomenologia existencial pode trazer para a prática do AT. O intuito foi propor um questionamento que focasse o problema de pesquisa, mas fosse amplo o suficiente para o entrevistado explorar o assunto à sua maneira.

Após a entrevista, foi realizada a transcrição integral da gravação, disponível na seção “Apêndice”. Esse material, seguindo a metodologia de entrevista reflexiva, de Szymanski (2019), foi enviado para Arthur, de modo que pudesse ter acesso ao que foi dito, além de realizar eventuais alterações. Com isso, assegurou-se o compromisso ético da pesquisa e garantiu-se maior fidedignidade ao material. Em resposta, o entrevistado não julgou necessária nenhuma alteração em sua fala e consentiu com seu uso para a etapa de discussão e análise deste trabalho.

2.4 Procedimento de análise

A partir de uma escuta aberta durante a entrevista, evidenciaram-se três temas de grande relevância para análise, a saber: “Liberdade”, “Serenidade” e “A cada vez”. A leitura atenta da transcrição das falas mostrou que, a partir das perguntas feitas, foi conferido pelo entrevistado maior peso a essas noções, que são aprofundadas no capítulo de discussão.

Além de sua relevância a partir da fala do entrevistado, o pesquisador também compreendeu tais temas como fundamentais para o aprofundamento de uma discussão que fosse ao encontro da pergunta de pesquisa deste trabalho. Para isso, às diversas leituras da transcrição foram acrescentadas anotações e trechos grifados de modo que se chegasse aos temas principais. Depois, os temas foram desenvolvidos de forma articulada com a bibliografia estudada no capítulo de Introdução, além da inclusão de novas referências e de excertos de falas do entrevistado que ilustram os assuntos em foco de análise.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE

Esta seção apresenta a discussão dos conteúdos que emergiram da entrevista de forma articulada com a bibliografia estudada. Este capítulo está dividido em subitens que foram extraídos da entrevista como temas importantes para análise. Para cada subitem, é apresentada a bibliografia referente ao tema em questão juntamente com citações da entrevista que ilustram, exemplificam e aprofundam o assunto em questão. Os subitens são relativos aos três temas de análise expostos anteriormente, a saber “Liberdade”, “Serenidade” e “A cada vez”.

3.1 Liberdade

Durante a entrevista, a noção de Liberdade, em seu sentido ontológico, surgiu como um fio condutor do discurso, entrelaçando a fala do entrevistado do início ao fim. Percebeu-se como a questão da Liberdade, em seus sentidos e desdobramentos variados, emergiu como elo entre a abordagem daseinsanalítica da fenomenologia existencial e a prática do acompanhante terapêutico.

Conforme o que foi apontado no capítulo “Introdução” sobre o pensamento de Boss (1975), o *Dasein* é constituído por angústia e culpa ontológicas, ou seja, é essencialmente angustiado e culpado frente ao mundo que se abre e apresenta infinitas possibilidades de ser, obrigando-o a escolher algumas e deixar outras. Dessa forma, ele não se realiza completamente até sua morte, quando se esgotam as possibilidades. Durante sua trajetória em direção à finitude, o *Dasein* experimenta angústia e culpa ontológicas, ou seja, fundamentais.

A partir dessa noção, a liberdade do *Dasein* pode ser entendida, ainda segundo o pensamento do autor, como a possibilidade de corresponder ou não às convocações que o mundo lhe apresenta. No §9 de *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) inicia apontando que:

O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e a cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se

relaciona com seu ser. Como um ente deste ser, a presença¹ se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser. *Ser* é o que neste ente está sempre em jogo (p. 85).

Com isso, o autor quer dizer que o *Dasein* também é um ter-que-ser, ou seja, assume a responsabilidade pelo seu próprio ser como tarefa fundamental. Isso significa que ele tem a liberdade, para decidir o que fazer com seu ser. É, portanto, uma abertura compreensiva que responde ou não às convocações impostas pelo mundo.

Sobre isso, durante a entrevista, Arthur teceu comentários relevantes que ajudam a compreender essa noção de liberdade fundamental do *Dasein*, dizendo que “*liberdade propicia a abertura do aí, do lugar. Esse lugar livre recolhe, acolhe e doa o lugar.*” Ou seja, é nesta liberdade de ser que se dá o lugar existencial do *Dasein*.

O entrevistado ofereceu interessante construção de raciocínio ao versar sobre a liberdade ontológica como horizonte de referência na fenomenologia existencial para se pensar a ideia do mistério que desvela a abertura do “aí”, do lugar existencial do *Dasein*. Arthur diz:

Pro Heidegger, a liberdade é um horizonte de referência extremamente importante. Tanto que ele, eu não sei se isso é uma interpretação, agora, mas o que ficou pra mim é que é a liberdade, esse nome, entenda isso da maneira que for, que coincide, ou se mistura ou se embaralha com o conceito de mistério e que é dali que vem o lance de abertura do aí do Dasein.

A partir desta colocação, o psicólogo entrevistado faz uma retomada conceitual etimológica para demonstrar como a liberdade propicia a abertura do lugar existencial do *Dasein*. Primeiro, Arthur cita uma passagem escrita por Alexandre Valverde (2011) sobre *legen*:

isso que eu vou falar agora é uma manobra pessoal de pesquisa em alguns textos separados.

Então, o Alexandre Valverde, no “Ruptura, Solidão e Desordem: ensaio sobre a fenomenologia do delírio²”, ele faz uma pesquisa sobre legen, sobre verbo legen, que é logos, que é alethea, o desvelar, onde ele fala o seguinte, olha: “o legen grego deu origem a inúmeros verbos utilizados em português. Deitar, abrigar, estender, por, colher, recolher, ler, dizer, legar,

¹ Nesta edição de *Ser e tempo*, Marcia Sá Cavalcante traduz *Dasein* por “presença”.

² VALVERDE, Alexandre. **Ruptura, solidão e desordem: ensaio sobre a fenomenologia do delírio**. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

relegar, coligar, eleger, depor, propor, jazer, incumbir. A aparente variedade desses verbos faz com que sua origem comum, no legen, e seu sentido original permaneçam velados”.

Em segundo lugar, tendo em vista essa descrição sobre *legen*, Arthur levanta a noção de “lugar” como um lugar existencial: “*ser-aí, Dasein, o aí do Dasein, o ser-aí é o lugar, é o lugar aonde você encontra abertura de mundo desse ente homem que abre esse lugar de ser*”. Em seguida, cita uma passagem da obra *A caminho da linguagem*, de Heidegger (2003) sobre esta noção de lugar:

A palavra lugar significa originariamente ponta de lança. Na ponta da lança tudo converge. Num modo mais digno e extremo, lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz tudo que recolhe, de maneira a somente assim entregar a sua essência. (HEIDEGGER, 2003, p.27)

Dessa forma, o entrevistado entende “lugar”, seguindo o pensamento de Heidegger (ibid) como a ponta de lança onde tudo converge; reúne e recolhe, desenvolvendo e atravessando com seu brilho e luz: “*então, a transparência, né, a clareira que abre, brilho, luz, a clareira, claridade, ela é o lugar e lugar é isso: ponta de lança, que colhe, recolhe, envolve*”.

Além desses apontamentos feitos por Arthur, é pertinente trazer as colocações que Heidegger (2015) faz a respeito do conceito de *logos*, no §7 de *Ser e tempo*. O autor expõe este conceito de forma equivalente a “descobrir”, “revelar”, dizendo que “o *logos* faz e deixa ver aquilo sobre o que se discorre” (HEIDEGGER, 2015, p. 72). O autor segue dizendo que, então, este termo se refere a “retirar de seu velamento o ente sobre que se fala (...) e deixar e fazer ver o ente como algo desvelado, em suma, *des-cobrir*” (ibid). Novamente, tem-se a noção de desvelamento.

Finalmente, feitas essas colocações e referências bibliográficas, Arthur mostra como a noção de lugar é o “aí” existencial, a clareira aberta do ser fundada no mistério e que surge a partir da liberdade, num desvelar. Essa liberdade que dá o lugar existencial do *Dasein*. Dessa forma, o entrevistado mostra como as noções de *legen* e lugar, para Heidegger (2003) têm em comum o sentido de desvelar, recolher, reunir. Arthur conclui esse raciocínio, portanto, da seguinte maneira:

Muito bem. Se lugar é tudo isso, e é legen, e alethea, o desvelar é o verbo da ação que tá ligado ao mistério, à liberdade - porque o desvelamento, o velado, o que desvela, desvela a partir de um mistério, é óbvio né, porque o Heidegger também cita isso - com isso eu tenho uma retomada de que a liberdade é a essência que esse deitar, abrigar, que o próprio aí entrega. A ação entrega. A essência é a própria liberdade. É um caminho pessoal que eu faço, mas ele está embasado em elementos que você vai encontrando em alguns textos salteados assim, mas que dá amarração.

Esta contribuição de Arthur fornece subsídios para traçar um paralelo fundamental entre os conceitos de *logos* e *legen* e apontar como a liberdade é a própria essência desse desvelamento que o “aí” entrega, doa. É nesta liberdade que surge a possibilidade de ser.

Na sequência, Arthur aproveitou este desenvolvimento conceitual sobre a liberdade como a essência das possibilidades de ser para apontar que a noção de saúde ou doença está relacionada à uma questão do grau de liberdade ou restrição de ser. Para isso, o entrevistado cita os *Seminários de Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas*, de Martin Heidegger (2017). Além disso, falou sobre como se dá a atitude terapêutica em relação a isso:

no Zollikon³ está declarado com todas as letras: a questão da doença humana é uma questão de liberdade ou de restrição. A atitude daseinsanalítica, a atitude terapêutica que busca a cura apoiada na metodologia da fenô, isso tudo posto, é uma atitude que vai o tempo todo estar visando o quão livre ou o quão aprisionado está essa pessoa que veio te buscar.

A ideia a que Arthur se refere é bem elucidada na seguinte passagem dos *Seminários de Zollikon*:

O homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, se não conseguir lidar consigo. Esse perigo é ligado à liberdade do homem. Toda a questão do poder-ser-doente está ligada à imperfeição de sua essência. Toda doença é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver. (HEIDEGGER, 2017, p. 168).

Percebe-se, pois, como vai se traçando esse paralelo entre a liberdade que doa o lugar existencial do ser-aí e a compreensão de que o adoecimento está relacionado à ideia

³ HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas**. Ed. Medard Boss. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2017.

de certo grau de restrição dessa liberdade, a uma restrição das possibilidades de ser do *Dasein*.

Com estas colocações, Arthur corrobora o pensamento de Boss (1979), sobre a questão da compreensão daseinsanalítica dos fenômenos saúde e doença. O autor, afirma que o fenômeno do adoecimento pode ser compreendido na medida em que se ressaltam restrições de realização das possibilidades existenciais fundamentais constitutivas do ser humano.

Dessa forma, o psiquiatra suíço aponta que o adoecimento, para a analítica do *Dasein*, está relacionado ao fato de suas habilidades para levar adiante suas potencialidades de forma livre estarem prejudicadas. Segundo o daseinsanalista, “qualquer tentativa de formular uma patologia geral Daseinsanalítica deve iniciar investigando os diferentes modos de adoecimento e suas correspondentes perturbações em realizar suas possibilidades existenciais” (BOSS, 1979, p. 199)

O autor, ainda, aborda o fato de que a condição do estar doente, enquanto um modo de ser que restringe, em maior ou menor grau, as possibilidades de realização existencial do *Dasein*, não significa um ser sadio ausente, mas sim perturbado. Nessa condição, o *Dasein* experimenta uma privação ou prejuízo da sua habilidade de realizar seu existir de forma livre, não podendo dispor mais livremente de suas possibilidades existenciais, num contexto de “limitação da liberdade do ser humano de se movimentar, no sentido mais amplo da palavra” (BOSS, 1979, p. 251). Arthur alude à essa noção ao dizer, com relação ao ser humano que busca suporte do AT: “*Você está preocupado, o tempo todo, o quão livre ele é existindo daquela forma ou o quão aprisionado ele é existindo daquela forma*”

Holzhey-Kunz (2018) fala da psicoterapia daseinsanalítica enquanto uma irrupção em meio à liberdade. Com isso, a autora quer dizer que

O impulso da psicoterapia daseinsanalítica emerge da determinação da essência do ser-aí humano enquanto “abertura patente e liberdade” de um lado, e, por outro lado, a partir da compreensão do sofrimento psíquico como um ficar aquém das próprias possibilidades de um comportamento aberto e livre em face do mundo (p. 38).

A liberdade, portanto, é tida aqui, também, como a noção que ampara, baliza e regula a possibilidade de compreensão do existir humano como adoecido ou saudável. Nesse sentido, Arthur trouxe, na entrevista, a noção de que a postura do AT busca justamente ampliar a liberdade de realizar o existir de quem acompanha: “*para a prática do AT, o que interessa é o quanto essa pessoa com quem a prática do AT está lidando: ela é autônoma ou ela é comprometida*”. Essa fala também corrobora a ideia de Albano (2015), explicitada na introdução, de que o AT busca criar e exaltar possibilidades de articulações novas em termos de circulação pelos espaços, relacionamentos, enfim, de saúde.

Junto a isso, pode-se articular a entrevista com o problema de pesquisa, pois, na percepção de Arthur: “*é muito rico mesmo trabalhar, porque você encontra nas atitudes que você vai tomar de cuidado o suporte que você precisa dentro dessa perspectiva, dessa metodologia da fenomenologia*”. O paradigma da liberdade, portanto, aponta como essa forma de compreensão do *Dasein* está alinhada com a prática do AT e como é possível encontrar, na compreensão daseinsanalítica, suporte para o trabalho do AT.

A sequência deste entrelaçamento da noção de Liberdade aponta para como ela aparece na postura do AT. Para que esta noção surja na prática do acompanhamento terapêutico, Arthur firma que o AT deve ter uma presença envolvida: “*O que eu estou chamando de presença envolvida é, por exemplo, eu me envolver para ser abordado, para ser buscado, para ser convocado para um tipo de assistência fora do combinado de setting*”.

Como foi apresentado na Introdução, Palombini (2006) enfatiza a dimensão clínica do AT, que envolve disponibilidade e entrega ao desconhecido para que da relação surjam novas possibilidades. Essa noção está diretamente ligada à fala de Arthur sobre presença envolvida. A dinâmica de trabalho do AT pressupõe que o profissional se coloque numa atitude de cuidado que não envolve rigidez de agenda, horário. Segundo Arthur, é “*colocar-se num cuidado do outro a partir do que vem ao encontro do modo mais liberto que você puder estar lá. E aí não cabe setting, não cabe agenda, não cabe horário, não cabe nada. Cabe a liberdade do encontro*”.

Cabe retomar a definição de AT oferecida por Sereno (2018), que assume a prática como uma atitude que busca a construção de novos laços e redes de saúde a partir do trânsito entre diferentes espaços do território em que a pessoa acompanhada vive. Essa

noção se articula com a compreensão da fenomenologia existencial na medida em que busca a liberdade da pessoa acompanhada e pensa o cuidado a partir de suas vivências. Essa perspectiva é corroborada na fala de Arthur, ao dizer:

Eu acho que a fenomenologia, esse método de trabalho, ele dá o suporte para a prática do AT. Essa prática que pretende ser alguém que se envolve na vida de outro ser humano e se envolver na vida do ser humano inclui: a família a que pertence esse ser humano, o entorno dele, onde ele trabalha, quem são os amigos.

Percebe-se como, remetendo-se à pergunta de pesquisa deste trabalho, pode-se construir um paralelo importante entre a prática do AT e a compreensão da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A liberdade, em seus termos aqui explicitados e oriundos da compreensão daseinsanalítica, tem papel importante para embasar a prática do AT. Arthur abordou esse ponto dizendo que “*um daseinsanalista, ou seja, alguém que apoia sua prática clínica numa abordagem daseinsanalítica, ele tem um modo de atuação, não diria nem que se confunde, eu diria que é o modo de atuação do AT, do acompanhante terapêutico*”.

Entretanto, tendo-se como horizonte a liberdade, é possível que se chegue a um ponto de “deslimitação” dessa própria liberdade. Ou seja, como Arthur diz:

É dentro desse 'livre' que se estabelece qual o contorno, a cada vez. Porque, no limite, o livre é algo tão... é algo 'deslimitado', né, o livre. A liberdade máxima não tem limite.

O limite já diz de uma perda de liberdade, mas é um livre móvel, vamos dizer assim. Então, o limite se estabelece, a cada vez, a partir da necessidade do encontro, a cada vez, daquele ser humano que veio com aquela pendência

A liberdade visada no encontro terapêutico também possui, portanto, certos limites móveis. Como afirma Arthur, essa liberdade do encontro se dá a cada vez, dentro da configuração daquele momento específico. Além disso, entende-se que esse limite da liberdade também existe, pois, o *Dasein*, apesar de sua condição de liberdade ontológica que doa seu lugar existencial, já nasce num mundo com tramas de sentidos dadas, anteriores a ele.

Como levantado por Critelli (1996), a crítica que a perspectiva da fenomenologia existencial faz a respeito do paradigma científico e tecnocrata aponta justamente os

limites que essa compreensão traz quando se olha para o fenômeno humano, que, segundo a compreensão existencial, não pode ser medido, calculado, previsto, esgotado ou limitado. Da mesma forma, para a prática do AT nessa perspectiva, o limite e o contorno não são bem vindos.

Essa liberdade para o AT é aquela que permite que o fenômeno se mostre tal qual ele é, sem ser explicado por alguma teoria, mas sim a partir de suas vivências. Para que isso aconteça, conforme explicitado por Arthur:

“você tem que se remeter de novo à liberdade. Como ela é uma postura que, o tempo todo, tá norteadada pela libertação, pela liberdade e a liberdade é o que fornece a energia necessária para que tudo vigore num viço, num vicejar - pra que algo viceje, você precisa deixar que ele compareça livre

Esse pensamento dialoga com os apontamentos de Boss (1975, p.25) quando o autor afirma que, a partir da compreensão daseinsanalítica, pretende-se “recuperar o devido respeito diante da autenticidade e da originalidade dada de cada fenômeno humano. Temos que permitir que exista o que se manifesta, como aquilo que ele mesmo revela”. Assim, nenhum contorno é bem-vindo. É, também, nessa perspectiva que a fenomenologia existencial está junto à prática do acompanhamento terapêutico, em sua dimensão de liberdade.

3.2 Serenidade

O tema da Serenidade surgiu em falas de Arthur que tematizaram, principalmente, a postura do AT enquanto terapeuta para promover um encontro com seu acompanhado. Em primeiro lugar, o entrevistado falou sobre a compreensão fenomenológica existencial como aquela que questiona todo e qualquer tipo de explicação e tipificação do existir humano. Em seguida, trouxe o tema da serenidade como aquele que auxilia o AT a se manter diante do vazio deixado por essa não conceituação.

Numa prática livre, em que se abre para o mistério e o desconhecido, pode-se ficar desamparado, sem ter como se apoiar em algum método explicativo ou teoria, como se faz em outras abordagens da Psicologia. Arthur comenta que “*para você explicar alguma*

coisa, você trabalha com sistemas de referência”. Segundo sua fala, o que o ser humano explica, conceitua e categoriza é fruto de consensos que trazem referências:

você precisa de um corpo de referência para poder nomear qualquer coisa. E aquela coisa que você está nomeando, por mais óbvio que há um consenso, né, tem um grupo que resolveu, por consenso, a partir dessa referência eleita falar “Ego, Superego, Id” ou “Personalidade, Alma, Psique, Espírito, Ser humano, Entidade, Outro ente” é tudo uma invenção humana que serve, à medida que ela existe, pra você se organizar e pra esse grupo de pessoas que resolveram, por convenção, utilizar aquele parâmetro para poder falar de algo. É daí que vem a possibilidade de você explicar alguma coisa. Você explica a partir desse corpo de referência, sempre.

Entretanto, Arthur relembra a poesia e a música para exemplificar como essas explicações, a rigor, não dão conta da experiência humana:

Os poetas nisso são mais fiéis, talvez, mais felizes. Está me vindo à cabeça aquela música da Cássia Eller, que nem sei se é dela, ou se é do Nando Reis⁴ que fala: “Quando o segundo sol chegar”. Daí a estrofe, uma das estrofes é: “Eu fui lá fora e vi dois sóis num dia e a vida que ardia sem explicação. Não tem explicação, não tem, não tem, não tem”. Então, a rigor, se a gente for pela poesia, não tem explicação coisa nenhuma. Explicação é uma convenção. Uma convenção muito útil, que serve pra gente fazer um monte de coisas, serve pra gente tomar o metrô e não errar o endereço. Serve pros médicos, em cima de uma teoria, conseguem dar um protocolo medicamentoso, que acaba tendo seu efeito eficaz na hora de conseguir a remissão de um delírio. Então, não é que é inútil, mas a fenô questiona tudo isso.

A literatura também traz exemplos, assim como o da música citada por Arthur, sobre essa quebra de referências que propõe a fenomenologia existencial. Hermann Hesse (2019), em seu romance *Sidarta*, retrata a vida de um jovem que abandona sua família e sua cidade e parte numa jornada própria de questionamento, autoconhecimento e busca de sentido.

Vindo de uma família tradicional, com quem realizava orações e sacrifícios e aprendeu a ler e a escrever, o personagem Sidarta se junta aos *samanas*, ascetas peregrinos. Durante sua jornada, passa, o tempo todo, por situações de quebra de referências:

⁴ A música a que Arthur se refere foi composta por Nando Reis. (REIS, Nando. “O Segundo Sol”. **Infernal**. WEA, 2001. CD)

Desdenhosamente, crispava-se-lhe a boca cada vez que, ao atravessar uma cidade, topasse com pessoas bem-vestidas. Via muito bem como os mercadores faziam negócios, como os potentados iam à caça, os enlutados choravam seus mortos, as meretrizes se ofereciam, os médicos cuidavam de seus pacientes, os sacerdotes fixavam o dia apropriado para a sementeira, os namorados enlaçavam-se, as mães amamentavam os filhos... Mas nada disso era digno de ser olhado. Tudo era mentira; tudo fedor; tudo recendia a falsidade, tudo criava a ilusão de significado, de felicidade, de beleza e, todavia, não passava de putrefação oculta. Amargo era o sabor do mundo. A vida era um tormento (HESSE, 2019, p. 19).

Esta passagem ilustra como, também através de um processo de questionamento de referências e padrões pré-estabelecidos, Sidarta rompe com suas crenças tradicionais e abre novas formas de compreensão de seu mundo.

A música e a literatura ajudam, através da fala do entrevistado e da citação do romance, a levantar a crítica que a fenomenologia existencial traz a respeito da compreensão científica e determinista a respeito dos fenômenos. Ambas as obras citadas demonstram processos de reflexão e questionamento próprios, que contrariam a lógica científica, num caso, e tradicional, no outro.

Tanto Nando Reis (2001) como Sidarta, nos escritos de Hermann Hesse (2019), apresentam formas de compreensão diferentes do habitual. O primeiro quebra a lógica explicativa científica a partir da chegada de um *segundo sol* e o segundo quebra com suas tradições familiares. Ambos tratam de quebras de referências.

Essas quebras acontecem num movimento crítico a referências explicativas. Estas referências não são inúteis, como Arthur mesmo mostra, mas, também, não esgotam a experiência humana em sua capacidade explicativa.

Então, não é inútil, justamente porque dá o contorno. Porém o contorno tem o perigo do aprisionamento e aí vai na contramão da liberdade. Então, se a referência é a liberdade, qualquer contorno não é bem-vindo.

Retomando a noção de Liberdade, percebe-se como este é o horizonte a que visa a compreensão fenomenológica que embasa a postura do AT. Este horizonte, portanto, é aquele que não permite tipificação:

Se você não pode tipificar, você tá na liberdade do 'a cada vez', então toda explicação, todo pré-conceito vai por água abaixo. Até o conceito mesmo, qualquer conceito vai por água abaixo. É aquilo que se dá, a cada vez, diante do apelo que veio na sua direção como terapeuta e você fica em questão, implicado em corresponder ao que veio te convocar.

Esta compreensão que Arthur traz está embasada nas ideias de Heidegger (2001), quando o autor faz uma descrição daquilo que chama de *Era da técnica*. Em sua conferência intitulada *Serenidade* (HEIDEGGER, 2001), proferida no ano de 1955, o autor realizou um discurso comemorativo em homenagem ao compositor alemão Conradin Kreutzer. Nessa ocasião, o filósofo afirma que aquele momento em que vivia estava marcado pela “fuga de pensamentos”.

Com isso, o autor quer dizer que, com o avanço da tecnologia e da ciência, a prevalência do pensamento calculista sobrepunha o pensamento que reflete:

Quando concebemos um plano, investigamos ou organizamos uma empresa, contamos sempre com condições prévias que consideramos em função do objetivo que pretendemos atingir. Contamos, antecipadamente, com determinados resultados. Esse cálculo caracteriza todo o pensamento planejador e investigador. (HEIDEGGER, 2001, p.13)

É deste tipo de pensamento sobre o qual fala Arthur quando cita as convenções úteis. Elas explicam muita coisa, mas não dão conta de se apreender a totalidade da experiência humana. Disso, pode se aproximar o pensamento que medita, que reflete, como diz Heidegger (2001, p.14), “basta demorarmo-nos (*verweilen*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora”.

Ao expor essas duas formas de pensar o mundo, a que calcula e a que medita, o autor diz que a época é de fuga dos pensamentos que meditam. Ele propõe que tudo aquilo com que os meios de informação estimulam e impactam a experiência humana está muito mais próximo do que a experiência de olhar para si, para suas raízes. “O enraizamento (*die Bodenständigkeit*) do Homem atual está ameaçado na sua mais íntima essência” (HEIDEGGER, 2001, p.17). Com isso, Heidegger quer dizer que o espírito da época estaria afastando o Homem de si. Como exposto por Arthur, aqueles pensamentos e convenções que tipificam, explicam e calculam, para o filósofo alemão, são evidentes na

era atômica. Naquele momento, a ciência vislumbrou ser o parâmetro de desenvolvimento e crescimento econômico. Heidegger (2001) mostra como isso, sem um pensamento que medita, levaria à crença de que essa Ciência Moderna traria felicidade ao Homem.

Porém, o autor mostra que essa crença não reflete sobre o sentido da era atômica, ele diz que “se ficarmos satisfeitos com a referida afirmação da ciência, permaneceremos o mais longe possível de uma meditação sobre a era atual. Por quê? Porque nos esquecemos de refletir” (HEIDEGGER, 2001, p. 18). O filósofo alemão coloca que o pensamento que medita exige reflexão, abertura a diferentes visões e “exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável” (ibid, p. 23).

Diante desta crítica ao pensamento que calcula e explica, quando se pensa na atuação do AT, percebe-se como este pode ficar desamparado por não ter um corpo de referências, como indicou Arthur, para se apoiar. O entrevistado diz, justamente, que o AT, sustentado por essa visão filosófica, deve

ficar sem ter onde se apoiar a não ser no seu próprio espírito, no seu próprio ser. Fazer da própria vida essa coisa sem explicação e que não tem... não te dá as ferramentas à mão pra que você garanta coisa nenhuma. Então, é suportar o próprio existir que vai estar disponível para um outro ser humano, a cada vez, ali e sem ter corrimão.

Arthur segue dizendo que “*essa impossibilidade de teorização te retira qualquer segurança, te põe mesmo em jogo, no fogo, no fogo cruzado*”. Ou seja, essa não teorização de uma convenção útil que explicasse o fenômeno humano, para a fenomenologia, traz um nível de desamparo. Para lidar com isso, Arthur diz que é necessário ao AT, neste contexto, a *Serenidade*, ou seja, o poder amparar-se no próprio desamparo.

Como citado na introdução, de acordo com Oliveira e Tufolo (2011), para o AT estar ao lado de outro ser humano em sofrimento, deve, antes, poder experimentar sua própria experiência de desamparo e solidão existenciais e banhar-se nas águas de sua complexidade e riqueza de significações. É nessa atitude de serenidade que é possível abrir-se espaço de jogo para o outro sentir-se compreendido, acolhido e movimentar possibilidade de transformação.

A serenidade que Heidegger (2001) expõe é aquela que, da mesma forma, não deixa o ser humano ser captado e absorvido pelos objetos do mundo da técnica, afastando-se de seu ser, e o coloca de uma forma livre em relação a eles, podendo usá-los sem ser

submetido. É uma atitude de *sim e não* simultâneos, dada a compreensão de que os sentidos que regem essa transformação na relação do Homem consigo e com os objetos da técnica permanecem velados.

Sobre isso, o autor propõe que aquilo que se mostra e se oculta simultaneamente é traço fundamental do que se entende por *mistério*. Estar diante dessa ambivalência de sentidos, exige do ser humano uma “abertura ao mistério” (HEIDEGGER, 2001, p. 25). Dessa forma, “a serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concedem-nos a possibilidade de estarmos no mundo de um modo completamente diferente” (ibid). Com isso, o autor propõe a superação do domínio do ente em relação ao ser, ou seja, os entes técnicos não mais dominariam o ser do *Dasein*, permitindo que ele entre em contato profundo consigo. Esse é o alicerce que permite o AT embasado nesta compreensão de estar ao lado de outra pessoa em sofrimento.

Assim como colocado por Arthur na entrevista, Heidegger associa a serenidade à abertura ao mistério, que exige do AT amparar-se no próprio desamparo, uma experiência de contato com seu próprio vazio para, de uma forma autêntica, estar ao lado de outro ser humano em sofrimento. Sobre isso, Arthur diz:

Mas aí, se amparar no desamparo, num primeiro momento, pode ser muito instável, tão consumidor que você male mal dá conta da sua vida, quem dirá você vai cuidar do outro. Mas aí tem a questão da serenidade, à medida que você consegue um certo, uma certa frequência, você vira frequentador de se amparar no desamparo, você vai ganhando serenidade.

A serenidade e abertura ao mistério, trazidas aqui em paralelo com o pensamento de Heidegger (2001, p. 26), são aquelas que que aproximam o ser humano de si, abraçam o pensamento que medita e reflete e que “nunca nos caem do céu. Não são frutos do acaso (*nicht Zu-fälliges*). Ambas medram apenas de um pensamento determinado e ininterrupto”. Como disse Arthur, é algo que exige que o terapeuta se torne frequentador deste desamparo, com “*você se assegurando no teu taco, com a tua intuição, com o teu conhecimento com o quão maduro que você conseguiu se desenvolver na sua vida para dar conta daquilo ali que veio te questionar, que veio te exigir*”.

Arthur trouxe um poema de Juliano Pessanha intitulado *Poema Cerebral I*, e citou o seguinte:

Ainda me retornam o pátio vermelho e o ladrilho azul de um casarão reminescente. Mas o que mais me lembro é do menino êxtase, do menino das velas quando as luzes se apagavam. O interior da casa se transfigurava e, imersa na penumbra, cada coisa retomava a dignidade da pergunta...

Suspensa entre duas metades da mesma noite e abraçada pela insistência do escuro, a vida do homem sobre a Terra equivale a um passeio encantado do menino nostalgia. Cada coisa é uma epifania permanente e todo gesto humano testemunha o lugar surpreendente.

Abandonar a medida é confiar na ternura do aparecimento (PESSANHA, 2000, p. 45).

Abandonar a medida, aqui, aparece no sentido de abandonar as explicações, a técnica, o cálculo, a generalização, a teorização. Assim como construído anteriormente, o pensamento que calcula afasta o terapeuta de seu próprio ser e não o coloca disponível, fundado em sua solidão constitutiva, para o contato com o outro. Pelo contrário, o pensamento que medita, que reflete é que o faz, buscando a serenidade.

O entrevistado trouxe essa citação e comentou que a “medida” tem o sentido justamente de *“explicação, da teoria. ‘Abandonar a medida é confiar na ternura do aparecimento.’ Então, confiar na ternura da aparição é, na liberdade, solta, confiar que vai rolar, vai dar tudo certo. Você confia no teu desamparo. Isso é serenidade.”*

Novamente, a liberdade surge como esse fio condutor para responder à pergunta de pesquisa deste trabalho. Percebe-se como a partir de uma abertura de mundo afinada na serenidade e da confiança no aparecimento livre dos fenômenos é que o AT encontra subsídios na fenomenologia existencial para seu trabalho. Relembrando Pessanha (2000), o terapeuta não escuta seu paciente a partir de teorias explicativas, mas sim a partir do lugar vazio cavado pela sua angústia existencial.

Dessa forma, segundo Arthur, *“o desamparo aí é radical, é não se amparar em nada. Ou melhor: se amparar no nada. Então acho que o AT fenomenólogo é esse artista que anda no arame, lá no circo, sem arame. Acho que a imagem que a gente pode cultivar é essa.”* Arthur pensa com Pessanha (2000) quando se diz respeito a este amparo no próprio nada, no próprio vazio.

A literatura e a poesia, assim como levantou Arthur, trazem contribuições bastante relevantes para ilustrar esse tema da serenidade. Sobre esse amadurecimento, abandono da medida, confiança na ternura do aparecimento e essa postura de “artista”, com a qual

o entrevistado compara a postura do AT, é possível encontrar ressonância na obra do poeta Rainer Maria Rilke (2019), em seu livro *Cartas a um jovem poeta*. A obra apresenta dez cartas trocadas entre o autor e um jovem poeta chamado Franz Xavier Kappus, que as publicou três anos após a morte de Rilke.

No livro, os escritores, ambos poetas, trocam impressões sobre o fazer poético e Rilke (ibid) traz diversos conselhos e reflexões a respeito do que ele considera ser a postura autêntica de um poeta, enquanto aquele que busca em si o amparo para criar sua arte.

Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades da primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só chega para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplidão e serenidade, sem preocupação alguma. Aprendo isto diariamente, aprendo em meio a dores às quais sou grato: a *paciência* é tudo! (RILKE, 2019, pp. 36-37)

Apesar de o autor não abordar diretamente a postura terapêutica como a do AT, da qual trata este trabalho, é possível traçar paralelos importantes com o que foi exposto até agora. Rilke (2019) fala sobre uma postura que envolve não calcular, amadurecer e confiar, numa abertura de mundo paciente e serena. De forma bastante similar, os sentidos que se atribuem aqui à postura do AT sustentado por uma visão filosófica hermenêutica também têm esse caráter de encontrar em si o amparo para propiciar um lugar existencial livre para que o outro seja à sua maneira.

Holzhey-Kunz (2018) também traz contribuições para corroborar essa tese. Segundo a autora, o terapeuta, ao escutar seu paciente, tem sua atenção nas experiências que, de alguma forma, também são dele. Não enxerga uma pessoa doente, mas, uma pessoa que sofre consigo, assim como ele também o faz. Por isso é necessária a análise pessoal do terapeuta, segundo a autora.

Ainda, essa “atenção consonante”, como afirma Holzhey-Kunz (2018, p.258), surge quando o terapeuta não precisa nem temer e nem se angustiar frente ao que seu paciente traz. Conforme o que a autora levanta:

Tudo aquilo que o paciente relata toca, em contrapartida, na angústia própria, quando o daseinsanalista escuta com um ouvido filosófico. Por isso, o daseinsanalista precisa não apenas ter se confrontado na análise doutrinária consigo como pessoa individual, mas também ter aprendido a tolerar em si mesmo as experiências existenciais fundamentais da angústia, da culpa e da vergonha (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p.258)

Seu pensamento tem, portanto, trama de sentidos que se aproximam às apresentadas por Arthur, na entrevista, e por Juliano Pessanha (2000), em seu poema. Pode-se compreender que esta escuta de que fala Holzhey-Kunz, fundada na angústia, tem similaridade àquela serenidade da qual trata Heidegger (2001). Os autores têm em comum a ideia de que é necessário um voltar-se a si, encarar seu próprio mistério constitutivo e abandonar as teorias explicativas para encontrar-se na disposição afetiva da serenidade e permitir um encontro terapêutico que permita o outro comparecer de forma livre.

Para a prática do AT, essas considerações são de grande valor, pois o acompanhamento de uma existência leva em conta a confiança no aparecimento em sua liberdade. Arthur traz uma analogia para exemplificar essa questão:

Você pode pensar na atitude de um acupunturista. O que um acupunturista pretende? Liberar os espaços de congestionamento da energia que tá passando pelos meridianos para que aquela energia flua. Então é a mesma coisa. Se você conseguir ajudar aquele ser humano a desentulhar o que entulhou, vai fluir a vida ali sozinha, você não faz nada. Você só ajuda ele a desembaralhar o que ficou embrulhado, o que ficou embaralhado.

3.3 A cada vez

Retomando o início do §9 de *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) propõe que o ser do *Dasein* “é sempre e a cada vez *meu*” (ibid, p. 85). A expressão “a cada vez” designa a compreensão de que o ser não está dado, segundo o autor. O *Dasein* tem a tarefa de ser e este ser é sempre e, a cada vez, seu. Ou seja, o tempo todo deve fazer escolhas e (des)escolhas para atualizar ou não as possibilidades que a vida lhe oferece, em uma abertura de mundo mais ou menos livre.

A perspectiva da fenomenologia existencial traz um contraponto ao “pensamento que calcula” como descrito por Heidegger (2001). Compreendendo o existir humano como uma abertura compreensiva que não pode ser calculada ou explicada, entende-se que o ser não pode ser esgotado em suas possibilidades até o momento de sua morte.

“A cada vez” para Heidegger (2015), portanto, indica que o ser está em constante mudança num movimento de desvelar e velar, como apontado por Arthur em sua construção de raciocínio sobre *legen* associada ao que foi exposto aqui em Heidegger (2015) sobre a ideia de *logos*. Sobre isso, no §7 de *Ser e Tempo*, o autor afirma, ainda:

Atrás dos fenômenos da fenomenologia não há absolutamente nada. Contudo, aquilo que deve tornar-se fenômeno pode velar-se. A fenomenologia é necessária justamente porque, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, os fenômenos *não* estão dados. O conceito “oposto de “fenômeno” é o conceito de encobrimento (HEIDEGGER, 2015, pp.75-76).

Essas compreensões apontam para o movimento da existência humana como um constante desvelamento de sentidos que se dá a cada vez, o tempo todo. Dessa forma, não é um fenômeno que se encerra em si, fechado, esgotado, mas sim uma abertura. Como Arthur disse:

a cada vez implica diretamente na impossibilidade de uma tipificação. Se você não pode tipificar, você tá na liberdade do “a cada vez”, então toda explicação, todo pré-conceito vai por água abaixo. Até o conceito mesmo, qualquer conceito vai por água abaixo. É aquilo que se dá, a cada vez, diante do apelo que veio na sua direção como terapeuta e você fica em questão, implicado em corresponder ao que veio te convocar.

Neste constante movimento de desvelamento, como apontado pelo pensador alemão em consonância com a fala do entrevistado, os fenômenos não podem, portanto, ser tipificados. A postura do AT, portanto, leva em conta que o ser se dá a cada vez de forma singular. É esta a atitude que permite, através de uma abertura livre, a confiança na ternura do aparecimento, como colocada por Pessanha (2000).

Como não se pode explicar cientificamente o fenômeno do existir humano, essa confiança exige uma afinação na serenidade e uma abertura ao mistério, como apontado por Heidegger (2001), ou o que Arthur chamou de amparar-se no próprio desamparo.

Além disso, retoma-se a questão da liberdade para se compreender como, numa abertura livre, o ser se dá, a cada vez e, nessa confiança na ternura do aparecimento, propicia-se um lugar livre para que a existência viceje, como exposto anteriormente.

“A cada vez” aponta para essa impermanência do ser e para esse processo temporal de desvelamento e velamento. Sobre isso, Arthur continua:

é a cada vez, que é pra garantir que o tempo tá corroendo aquilo que te trouxe dentro daquela configuração naquele momento. O próprio tempo leva aquilo a ficar impermanente. Nesse sentido, se não há permanência, não há repetitividade possível. É sempre a primeira e a última vez.

Neste momento da entrevista, foi comentado: “o ‘de novo’ também é novo”. Ou seja, a expressão que utilizamos para indicar repetição, “de novo”, contém a palavra “novo”. A própria língua mostra como essa repetitividade não é possível. O “de novo” também é novo. Quando se refere a uma possível repetição, já se faz alusão à novidade.

Este pensamento se relaciona com o poema de Juliano Pessanha (2000) no trecho em que diz: “Cada coisa é uma epifania permanente e todo gesto humano testemunha o lugar surpreendente”. Ou seja, os fenômenos aparecem de forma surpreendente, como uma epifania permanente. Esta compreensão ajuda a pautar a prática do AT que tem a liberdade em seu horizonte terapêutico. Sobre isso, Arthur conclui:

Então, se você desobstruir o que está emperrando que o tempo flua, pronto. O próprio paciente te mostra como desobstruir. Você só tem que ter escuta pra conseguir capturar, captar como uma antena o que é que precisa ser trabalhado ali pra que o fluxo retome. E isso é a cada vez, também.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, percebe-se como vai se construindo um círculo hermenêutico em que se entrelaçam as noções de liberdade, serenidade e “a cada vez”. Para que o ser compareça de forma livre, a cada vez, o AT alinhado com a metodologia da fenomenologia existencial não se utiliza de teorias explicativas. Ele abre sua compreensão numa afinação de serenidade, amparando-se no próprio desamparo.

Como o existir humano não pode ser tipificado, entende-se que o ser se dá, a cada vez. Na liberdade do “a cada vez” o ser se dá. Dessa forma, a liberdade a que visa a postura do AT vai entrelaçando as noções de serenidade e “a cada vez”. Assim, aponta-se para uma construção de pensamento que vai ao encontro da pergunta de pesquisa deste trabalho, abrindo caminho para a discussão de contribuições que a compreensão da fenomenologia existencial traz para o trabalho do acompanhante terapêutico.

A liberdade, portanto, foi aqui compreendida em diversos aspectos. Esta noção é entendida como a condição que propicia a abertura do aí existencial do *Dasein*, de seu lugar existencial, como colocado por Heidegger (2003). Como horizonte de referência, a liberdade oferece a possibilidade de ser, a partir de um mistério, que doa este lugar existencial, num movimento de velar e desvelar, como exposto nas falas de Arthur sobre o verbo *legen* e as considerações de Heidegger (2015), sobre o conceito de *logos*.

A partir dessa compreensão de liberdade, coloca-se que a noção de adoecimento está relacionada à restrição, em maior ou menor grau, dessa liberdade que propicia a abertura compreensiva do *Dasein*. Portanto, interessa ao AT quão livre ou aprisionada a pessoa que veio buscar acompanhamento está em suas possibilidades de ser. A sua atitude, portanto, de forma livre, busca resgatar o fluxo de liberdade para a pessoa acompanhada.

Dessa forma, dentre as contribuições que a visão da fenomenologia existencial traz para o trabalho do AT, encontra-se o paradigma da liberdade. Como foi dito por Arthur, a atitude terapêutica do AT se mistura e até mesmo coincide com o modo de

atuação do daseinsanalista, ou seja, esta forma de compreensão do *Dasein* está alinhada com a prática do acompanhante terapêutico.

A liberdade também aparece na postura do AT. A partir de um encontro livre, sem *setting* pré-definido, é que se cria espaço para que a existência compareça de forma livre, tal qual é naquele momento, sem ser explicada e seja lá onde for. A postura do AT está, portanto, norteadada pela libertação, que, segundo Arthur, fornece a energia necessária para que o ser humano vigore, floresça.

Além disso, retomando a pergunta de pesquisa deste trabalho, que investiga as contribuições que a compreensão fenomenológico-existencial do ser-humano traz para o trabalho do acompanhante terapêutico, a noção de serenidade teve grande relevância. Em um movimento simultâneo de “sim” e “não” para a técnica, Heidegger (2001) propôs uma atitude de serenidade diante das coisas e de abertura para o mistério. Arthur levantou essa questão considerando que o AT não deve buscar usar técnicas explicativas para entrar em contato com o fenômeno da existência humana em sofrimento. Dessa forma, exige do profissional uma abertura para o mistério, para o “não saber”, que pode deixá-lo desamparado. Assim, é neste próprio desamparo, neste “nada” em que se ampara o AT embasado por essa visão fenomenológica.

O AT, portanto, abre sua compreensão de mundo, ao acompanhar uma existência, afinado nesta serenidade. Amparado em seu próprio mistério, trabalha de forma autêntica e não instrumentalizada. Assim, abandona-se a medida e confia-se na ternura do aparecimento, como colocado por Pessanha (2000). A liberdade também entra aqui como o fio condutor que ajuda a se remeter à pergunta de pesquisa, pois, a partir desta abertura na serenidade e da confiança do aparecimento livre dos fenômenos é que o AT encontra na fenomenologia existencial embasamento para seu trabalho.

A condição para adquirir esta atitude, como colocado por Holzhey-Kunz (2018), está na terapia pessoal do AT, na qual aproxima-se de si e do vazio que o constitui, para que possa estar ao lado de uma pessoa em sofrimento e não enxergá-la como um ser doente, mas sim como alguém que sofre consigo, assim como o próprio AT também sofre com suas vivências pessoais. Assim, na medida em que o profissional consegue aprender a tolerar em si as experiências fundamentais de angústia e culpa, também consegue estar com alguém visando a liberdade de ser desta pessoa.

Esse “estar com” inclui a compreensão de que a existência se dá de variadas formas, a cada vez. Ou seja, não existe a possibilidade de tipificação ou categorização que esgota as possibilidades. O ser, como colocado por Heidegger (2015), é sempre e a cada vez do *Dasein*, ou seja, ele tem que se relacionar com seu próprio ser o tempo todo até o momento de sua morte. Este ser, entretanto, surge, a cada vez, de uma forma singular. Essa compreensão, como chamada por Arthur de “a liberdade do a cada vez” permite que o fenômeno que surge diante do AT não seja explicado por alguma teoria e possa comparecer de forma livre, à sua maneira. Mesmo quando a repetição aparece, nunca é exatamente a mesma coisa. O “de novo” também é novo.

“A cada vez” indica, para o AT, que o tempo está passando e dá o caráter de impermanência, tanto da sua existência quanto da que ele está acompanhando. Se não há a possibilidade de repetição, como disse Arthur, não há permanência. Ou seja, é sempre a primeira e última vez. Essa compreensão permite a confiança na ternura do aparecimento. Permite confiar que, num movimento de acompanhar livre, o *Dasein* pode surgir e se compreender à sua maneira, ampliando suas possibilidades de ser, em um movimento de libertação.

O acompanhado é que mostra o caminho a ser percorrido neste processo. O AT, alinhado com a visão da fenomenologia existencial heideggeriana, oferece este espaço livre, aberto numa compreensão de serenidade para que, a cada vez, o ser humano em sofrimento possa retomar suas possibilidades de ser da maneira mais libertadora possível para si.

Neste trabalho, foram discutidas algumas noções consideradas fundamentais que a compreensão da fenomenologia existencial pode oferecer para a prática do acompanhamento terapêutico. A partir da revisão bibliográfica e da entrevista com o psicólogo, AT e professor Arthur Tufolo, foi possível tecer considerações que apontaram para um caminho relevante de construção de conhecimento nesta área.

É válido ressaltar que este estudo não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de contribuições e subsídios que a visão da fenomenologia pode trazer ao AT. Pelo contrário, entende-se que, da mesma forma que a existência humana não pode ser tipificada, esgotada ou conceituada de forma a encerrá-la, a construção de conhecimento nesta área também permanece aberta.

Assim como a abertura compreensiva do ser do *Dasein*, que é um constante poder-ser a partir de sua liberdade, o campo para construção de conhecimento nesta área permanece aberto a posteriores investigações, por exemplo: as possíveis aproximações e diferenças que se pode encontrar entre a o trabalho do AT e do terapeuta de consultório, ambos embasados por esta visão fenomenológico-existencial.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Paula B. **Quando o acompanhamento terapêutico encontra a escola: a construção de uma prática intercessora**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ANTÚNEZ, Andrés E. A. **Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: humanologia**. 2012. Tese (Livre Docência em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-02072013-091902/pt-br.php>>. Acesso em: 13 de abril de 2019.

BARRETTO, Kleber D. **Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico**. São Paulo: Unimarco, 2005.

BOSS, Medard. **Angústia, culpa e libertação**. Trad. Bárbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

BOSS, Medard. **Existential Foundations of Medicine and Psychology**. New York: Jason Aronson, 1979.

CARDINALLI, Ida E. **Daseinsanalyse e esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Escuta, 2012.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC/Editora Brasiliense, 1996.

GONÇALVES, Carla A. O acompanhamento terapêutico e a reforma psiquiátrica. In: A. E. Antúnez, **Acompanhamento Terapêutico - Casos Clínicos e Teorias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, pp. 21-38.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 1º edição, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes. Bragança Paulista: Editora São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas**. Ed. Medard Boss. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2017.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. Trad. Herbert Caro. 12ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia**. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

OLIVEIRA, Julio C. R. de; TUFOLO, Arthur. Reflexão de uma experiência clínica no campo do acompanhamento terapêutico, sustentado por uma visão filosófica. In: A. E. Antúnez, **Acompanhamento Terapêutico - Casos Clínicos e Teorias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, pp. 57-65.

PALOMBINI, Analice de L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 115-127, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 de abril de 2019.

PESSANHA, Juliano G. **Ignorância do sempre**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000

REIS, Nando. “O Segundo Sol”. **Infernal**. WEA, 2001. CD

RILKE, Rainer M. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2019.

SAFRA, Gilberto. Placement: modelo clínico para o acompanhamento terapêutico. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 13-20, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 de abril de 2019.

SERENO, Deborah. **O acompanhamento terapêutico como dispositivo transdisciplinar de articulação na cidade: a cena no AT**. 2018. 185 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva; um olhar psicológico para entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520**, [S.l.], n. 10/11, fev. 2019. ISSN 2175-3520. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/41414/27906>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

VALVERDE, Alexandre. **Ruptura, solidão e desordem: ensaio sobre a fenomenologia do delírio**. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2011.

VINCENTIN, Maria C. Transversalizando saúde e educação: quando a loucura vai à escola. In: MACHADO, Adriana Marcondes; FERNANDES, Ângela; ROCHA Marisa da. (orgs.). **Novos Possíveis no Encontro da Psicologia com a Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, cap. 8, pp. 167-183.

6 APÊNDICE

6.1 Entrevista

Lucas: Para começar, separei uma pergunta disparadora para a gente conversar, bater um papo, mais para você ir falando livremente. Tem alguns temas que provavelmente você vai acabar falando, mas eu separei porque acho que são temas importantes. caso você não fale, eu vou pontuando.

Eu queria que você começasse falando, este é o tema geral do meu trabalho: Quais contribuições, na sua visão, a compreensão da fenomenologia-existencial pode trazer para a prática do AT?

Arthur: Quando eu vou falar de fenô ligando direto ao AT, sempre me lembro do caso da Dra. Cobbling, que o Boss atendeu, e que ele, literalmente, tem uma atitude - mesmo como um psicanalista, na época - ele tem uma atitude de arrebentar com o *setting* de uma maneira quase que radical. Isso porque ele se envolve com ela oferecendo a presença dele fora das horas marcadas de consulta, isso já é uma disponibilidade que pertence ao universo do AT e que dentro da psicanálise rigorosa, não. No entanto, ele já fere o rigor da psicanálise e quase que avalia, mesmo sem saber - o AT não estava configurado naquela época - você pode pesquisar de quando é este artigo, quando foi que esse evento do atendimento dessa mulher aconteceu, não tenho de cor aqui na minha cabeça agora, mas enfim, não coincide com o AT já formalizado com esse nome, deve ser da época... Se coincide com a antipsiquiatria, com o movimento do Basaglia, o AT naquela época ainda era um auxiliar psiquiátrico e que nem tinha essa característica de disponibilidade tão ampla de presença envolvida num existir de outro ser humano que adoeceu.

O que eu estou chamando de presença envolvida é, por exemplo, eu me envolver para ser abordado, para ser buscado, para ser convocado para um tipo de assistência fora do combinado de *setting*. Mas não para por aí. Não só ele se oferece para ela telefonar para ele, falar com ele fora dos horários e tal, como um dia ela mesmo busca ele na clínica, fora acho que do horário, ele recebe ela no consultório dele e ela leva uma mamadeira que ele esquentou, põe ela no colo e dá de mamar pra ela, como uma menina que regressou

demais, do ponto de vista psicanalítico e tá exigindo... seria adequado, do ponto de vista dele, que ele de fato desse acolhimento, pegasse ela no colo e desse a mamadeira, nutrisse ela com leite, numa atitude que também para um psicanalista ortodoxo seria impensável. Para um Lacaniano, imagino eu, posso estar falando bobagem, não seria adequada e, no caso, para o Boss, foi.

Foi um caso que se desdobrou num sentido de uma organização, de uma autonomia. Essa mulher amadurece, consegue resgatar a vida dela e ele tem essas atitudes, que envolve, na compreensão da pergunta, envolve, sim, um olhar fenô. Ele entendeu que aquela atitude era uma atitude que condizia com a necessidade que estava se apresentando.

Então, eu brinco um pouco que o patrono aqui da Dasein, na verdade ele já trabalhava na função de AT em muitos casos e esse é o caso registrado, o caso acadêmico. Você encontra ele traduzido, inclusive. Está publicado na revista do Loparic, "Natureza Humana", não sei em qual edição, mas está no meu site também. É um artigo acadêmico escrito pelo Boss com a tradução em português. Então isso para dar uma pincelada do que seria.

Mas eu acho que um daseinsanalista, ou seja, alguém que apoia sua prática clínica numa abordagem daseinsanalista, ele tem um modo de atuação, não diria nem que se confunde, eu diria que é o modo de atuação do AT, do acompanhante terapêutico.

Lucas: Exatamente, isso foi uma coisa que eu sempre reparei, até da pesquisa que eu fiz. Por isso foi uma pergunta que me chamou atenção e queria questionar isso com você. Como fica muito parecendo que a prática do AT, independente de uma linha teórica que embasa, uma metodologia, eu percebi essa aproximação.

Arthur: Então, ela tem muito essa marca mesmo. O AT de um modo geral. Agora, é claro, numa abordagem mais psicanalista, ele funciona mais dentro do âmbito de uma ferramenta, dentro de um âmbito com algumas restrições. Ele não se presta de uma maneira tão envolvida.

Eu acho que a fenomenologia, esse método de trabalho, ele dá o suporte para a prática do AT. Esa prática que pretende ser alguém que se envolve na vida de outro ser humano e se envolver na vida do ser humano inclui: a família a que pertence esse ser humano, o entorno dele, onde ele trabalha, quem são os amigos. Vai muito mais além do que a vida singular de um ser humano que precisa de tratamento, que está buscando ajuda.

Então, é na vida dele o aprofundamento, é na vida das relações. Sendo ele alguém, também que, ao viver, possui relações, envolve as relações, envolve a relação dele com o médico, se houver necessidade de aporte medicamentoso e assim vai.

Lucas: Acho que essa era uma das questões. Quais dessas relações metodológicas que dá pra estabelecer entre a visão ad fenô com a prática do AT.

Arthur: Então, e pensando ainda na visão da fenô. A fenô a qual eu estou me referindo ela também é essa fenô mais de cunho heiddegeriano. Porque você vai pegar o Husserl, aí já fica um pouco diferente. E aonde? Principalmente na questão da liberdade.

Pro Heidegger, a liberdade é um horizonte de referência extremamente importante. Tanto que ele, eu não sei se isso é uma interpretação, agora, mas o que ficou pra mim é que é a liberdade, esse nome, entenda isso da maneira que for, que coincide, ou se mistura ou se embaralha com o conceito de mistério e que é dali que vem o lance de abertura do aí do *Dasein*.

Então, liberdade propicia a abertura do aí, do lugar. Esse lugar livre recolhe, acolhe e doa o lugar. Nesse sentido, a palavra de referência originária é *alethea*, é o *logos*. Porque *legen*, o verbo *legen* - isso que eu vou falar agora é uma manobra pessoal de pesquisa em alguns textos separados.

Então, o Alexandre Valverde, no “Ruptura, Solidão e Desordem: ensaio sobre a fenomenologia do delírio”, ele faz uma pesquisa sobre *legen*, sobre verbo *legen*, que é *logos*, que é *alethea*, o desvelar, onde ele fala o seguinte, olha: “o *legen* grego deu origem a inúmeros verbos utilizados em português. Deitar, abrigar, estender, por, colher, recolher, ler, dizer, legar, relegar, coligar, eleger, depor, propor, jazer, incumbir. A aparente variedade desses verbos faz com que sua origem comum, no *legen*, e seu sentido original permaneçam velados”.

Muito bem, se *legen* significa, em português, todos esses verbos - eu vou pegar, porque aí você pode usar no seu TCC como referência - lá no “Caminho da Linguagem”, é uma coletânea de textos do Heidegger, uma série de palestras que ele deu em torno dessa questão da linguagem. E, num dos textos, uma das palestras que ele deu tem o nome de “A linguagem na poesia: uma colocação a partir da poesia de Georg Trakl”. Você vai encontrar na terceira alínea o seguinte: “A palavra lugar” - então ser-aí, *Dasein*, o aí do *Dasein*, o ser-aí é o lugar, é o lugar aonde você encontra abertura de mundo desse ente homem que abre esse lugar de ser. Muito bem, “A palavra lugar significa originariamente

ponta de lança. Na ponta da lança tudo converge. Num modo mais digno e extremo, lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada” - e aí a gente lembra da psique, que é uma cápsula - “não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz” - então, a transparência, né, a clareira que abre, brilho, luz, a clareira, claridade, ela é o lugar e lugar é isso: ponta de lança, que colhe, recolhe, envolve. “Atravessa com seu brilho e sua luz tudo que recolhe, de maneira a somente assim entregar a sua essência”.

Bom, isso aqui tá diretamente cruzado, no meu entendimento, com *legen*, porque *legen*, só relembrando, tem como tradução deitar, abrigar, estender, por, colher, recolher, ler, dizer, legar, relegar, coligar, eleger, depor, propor, jazer, incumbir. Então, é o mesmo significado.

Muito bem. Se lugar é tudo isso, e é *legen*, e *alethea*, o desvelar é o verbo da ação que tá ligado ao mistério, à liberdade - porque o desvelamento, o velado, o que desvela, desvela a partir de um mistério, é óbvio né, porque o Heidegger também cita isso - com isso eu tenho uma retomada de que a liberdade é a essência que esse deitar, abrigar, que o próprio aí entrega. A ação entrega. A essência é a própria liberdade. É um caminho pessoal que eu faço, mas ele está embasado em elementos que você vai encontrando em alguns textos salteados assim, mas que dá amarração.

Bom, se isso é assim, e aí no *Zollikon* está declarado com todas as letras: a questão da doença humana é uma questão de liberdade ou de restrição. A atitude *daseinsanalítica*, a atitude terapêutica que busca a cura apoiada na metodologia da *fenô*, isso tudo posto, é uma atitude que vai o tempo todo estar visando o quão livre ou o quão aprisionado está essa pessoa que veio te buscar. Você não está preocupado se ele está sofrendo ou não, você não está preocupado se ele tá conquistando ou deixando de conquistar, enfim, se ele está em delírio ou não. Você está preocupado, o tempo todo, o quão livre ele é existindo daquela forma ou o quão aprisionado ele é existindo daquela forma.

Então, se isso é assim, e para a prática do AT, o que interessa é o quanto essa pessoa com quem a prática do AT está lidando: ela é autônoma ou ela é comprometida, não tem autonomia faz o link com essa questão da liberdade, que é a base do *aí*, que abre etc. Uma coisa que volta, tem esse retorno. Então é muito rico mesmo trabalhar, porque você encontra nas atitudes que você vai tomar de cuidado o suporte que você precisa

dentro dessa perspectiva, dessa metodologia da fenomenologia, e aí, outra vez, a fenomenologia desenvolvida pelo Heidegger, depois do Husserl. Aí a coisa amarra, não sei como você vai organizar esse discurso todo.

Lucas: Sim, mas faz sentido essa origem do que seria a liberdade para a fenô-existencial do Heidegger e do entendimento de que então a liberdade que vem desse lugar aberto pelo próprio ser-aí e o entendimento de que o adoecimento está ligado ao maior grau de restrição dessa liberdade, então a cura, o cuidado seria ampliar as possibilidades de ser.

Arthur: É, colocar-se num cuidado do outro a partir do que vem ao encontro do modo mais liberto que você puder estar lá. E aí não cabe *setting*, não cabe agenda, não cabe horário, não cabe nada. Cabe a liberdade do encontro. Então, você tem disponibilidade de uma flexibilidade tão grande, né, que.. Claro, alguma organização precisa ter, senão inviabiliza, mas tem paciente, por exemplo, que eu deixo uma hora e meia, sempre, porque eu sei que ele vai chegar às vezes atrasado, é característica da organização pessoal dele.

Ou, eu sei que ele vai conseguir chegar no horário mas eu sei que uma hora, cinquenta minutos nunca é suficiente pra tudo o que ele tem que dizer, então você tem que ficar com ele um pouco mais. Tem paciente que você tem que pegar o carro e ir atrás dele, ou pegar o ônibus, o que for e ir atrás dele na casa dele. É dentro desse “livre” que se estabelece qual o contorno, a cada vez. Porque, no limite, o livre é algo tão.. é algo “deslimitado”, né, o livre. A liberdade máxima não tem limite.

O limite já diz de uma perda de liberdade, mas é um livre móvel, vamos dizer assim. Então, o limite se estabelece, a cada vez, a partir da necessidade do encontro, a cada vez, daquele ser humano que veio com aquela pendência.

Enfim, então aí, de fato né, de todas as linhas que existem, de todos os métodos... Quer dizer, na verdade, temos dois métodos de trabalho: ou você cai na fenô, e mesmo assim na fenô tem essa distinção da fenomenologia trazida pelo Heidegger, que é diferente da do Husserl, que é diferente... Dizem que o Winnicott é classificado como fenomenólogo, também. Eu já ouvi falar o pessoal de Jung, quem é jungiano também fala que ele utilizava fenomenologia como método. Você tem várias fenomenologias. Essa do Heidegger tem essa questão da liberdade, então acho que é a que mais dialoga, a que mais conversa com a prática do AT.

Lucas: Sim, e de como a prática do AT está buscando essa liberdade de circulação, de ocupação de espaços, de poder escolher.

Arthur: É, você nunca tem um gabarito prévio pra encaixar aquele ser humano, ele precisa atingir isso ou aquilo.

Lucas: Sim. Fala mais um pouco disso, dessa noção de não se sobrepor uma pessoa, uma existência com algum método explicativo, alguma teoria, algum objetivo, como diz a compreensão da fenô, da forma que eu entendo.

Arthur: Essa questão de você ter uma... Pra você explicar alguma coisa, você trabalha com sistemas de referência, então você explica a partir, referido a tal norte. Eu estava vendo uma palestra do Giacoia no Sétimo Colóquio Internacional sobre Filosofia Oriental e nesse 7º colóquio, o Giacoia tem um texto aonde ele coloca que o conceito de Ego é um conceito arbitrário. Então, do ponto de vista de um corpo de referências, você vai nomear, mas você tem que ter a referência pra poder nomear. Porque, se você ficar solto, só tentando captar o que é, não necessariamente você vai escolher, vai optar por “ah, isso é Ego, personalidade, consciência”. Como se houvesse um modo de abordar o que está acontecendo, qual que é o acontecimento, sem esse corpo de referência explicativa, que estouraria todo e qualquer conceito. Só não estoura, porque você já vai previamente equipado com o corpo de referência

Então, ele dá um exemplo do predador. O predador quando ele vê a caça, não necessariamente aquilo que ele está vendo, um tigre ou uma onça vê um macaco - ela não vê necessariamente um outro ser diferente dela. Ela vê comida. O macaco pra ela é comida, então ela vai lá, come o macaco e acabou.

Então, do ponto de vista da onça, o macaco não existe, o que existe é comida. Então, outra vez, isso é só para exemplificar como você precisa de um corpo de referência para poder nomear qualquer coisa. E aquela coisa que você está nomeando, por mais óbvio que há um consenso, né, tem um grupo que resolveu, por consenso, a partir dessa referência eleita falar “Ego, Superego, Id” ou “Personalidade, Alma, Psique, Espírito, Ser humano, Entidade, Outro ente” é tudo uma invenção humana que serve, à medida que ela existe, pra você se organizar e pra esse grupo de pessoas que resolveram, por convenção, utilizar aquele parâmetro para poder falar de algo. É daí que vem a possibilidade de você explicar alguma coisa. Você explica a partir desse corpo de referência, sempre.

Os poetas nisso são mais fieis, talvez, mais felizes. Está me vindo à cabeça aquela música da Cassia Eller, que nem sei se é dela, ou se é do Nando Reis que fala: “Quando o segundo sol chegar”. Daí a estrofe, uma das estrofes é: “Eu fui lá fora e vi dois sóis num dia e a vida que ardia sem explicação. Não tem explicação, não tem, não tem, não tem”. Então, a rigor, se a gente for pela poesia, não tem explicação coisa nenhuma. Explicação é uma convenção. Uma convenção muito útil, que serve pra gente fazer um monte de coisas, serve pra gente tomar o metrô e não errar o endereço. Serve pros médicos, em cima de uma teoria, conseguirem dar um protocolo medicamentoso, que acaba tendo seu efeito eficaz na hora de conseguir a remissão de um delírio. Então, não é que é inútil, mas a fenô questiona tudo isso. Ela te deixa mais solto ainda, então não é o Édipo, não é coisa nenhuma né. São histórias, o Édipo é uma história. Mesmo assim, desse ponto de vista que eu acabei de expor, convencionou-se chamar que o Édipo é uma história e assim vai, ficamos nisso. Mas ainda bem que existe tudo isso, senão a gente enlouqueceria.

É como se o fenomenólogo mais puro, vamos dizer assim, tomasse um ácido e, sob o efeito da alteração de consciência, apenas ficasse admirando - na miração né, você fica na miração - ficasse apenas admirando com todas as referências possíveis arrebetadas, por isso que você enlouquece

Lucas: Nada é, né.

Arthur: Nada é.

Lucas: E isso que você falou de que não é inútil, mas também não dá conta né.

Arthur: Então, não é inútil, justamente porque dá o contorno. Porém o contorno tem o perigo do aprisionamento e aí vai na contramão da liberdade. Então, se a referência é a liberdade, qualquer contorno não é bem vindo. Por isso que a Irene - eu não vou lembrar o sobrenome dela - a Irene, uma portuguesa, quando ela deu a palestra na USP, ela fez questão lá no final, quando eu fiz o questionamento, ela fez questão de dizer que, como é a cada vez, aquilo que se dá... Dá-se tempo. Dá-se tempo, dá-se história, dá-se o âmbito daquela existência comprometida ou não, a cada vez.

Então, a cada vez implica diretamente na impossibilidade de uma tipificação. Se você não pode tipificar, você tá na liberdade do “a cada vez”, então toda explicação, todo pré-conceito vai por água abaixo. Até o conceito mesmo, qualquer conceito vai por água abaixo. É aquilo que se dá, a cada vez, diante do apelo que veio na sua direção como terapeuta e você fica em questão, implicado em corresponder ao que veio te convocar.

Lucas: Naquele instante né, porque se você aprisiona aquilo naquele momento é como se aquilo desse conta de explicar um fenômeno que acontece a cada vez, de uma forma singular. Que é aquilo que você falava de não confundir previsão com repetição. Não é porque sempre uma coisa acontece de tal forma que ela vai continuar acontecendo daquela forma.

Arthur: Então, a previsão aí no sentido da visão prévia. Aí o Heidegger é bem feliz nisso no *Ser e Tempo*. Então: posição prévia, visão prévia e concepção prévia. O que quer dizer? Ao estar diante de algo que me convoca, eu estou a partir de uma posição, sempre, de um ponto de vista. Ele não é único, ele é o meu, a cada vez. Esse ponto de vista te dá a visão prévia, a prévia visão. Essa visão prévia já te dá um significado, a cada vez, que te dá uma perspectiva. Posição prévia, que te dá uma visão prévia - perspectiva - e essa perspectiva pode te oferecer uma concepção. Você concebe aquilo dessa ou daquela forma, previamente, também. “Previamente”, por que essa palavra? Para garantir que é a cada vez, que é pra garantir que o tempo tá corroendo aquilo que te trouxe dentro daquela configuração naquele momento. O próprio tempo leva aquilo a ficar impermanente. Nesse sentido, se não há permanência, não há repetitividade possível. É sempre a primeira e a última vez.

Lucas: O “de novo” é novo também, né.

Arthur: Isso, o “de novo” é novo também.

Lucas: E isso tudo puxando pra prática do AT, como você relaciona?

Arthur: Então, como que um AT consegue um treinamento de *mariner*, consegue se tornar um guerreiro do BOPE e não pede pra sair, né? Consegue ficar sem ter onde se apoiar a não ser no seu próprio espírito, no seu próprio ser. Fazer da própria vida essa coisa sem explicação e que não tem... não te dá as ferramentas à mão pra que você garanta coisa nenhuma. Então, é suportar o próprio existir que vai estar disponível para um outro ser humano, a cada vez, ali e sem ter corrimão.

Uma vez eu estava numa palestra, uma pessoa ficou muito feliz e falou: “Eu vim aqui buscar um pouco de orientação, de norte, e você me apresentou uma escada em espiral sem corrimão.” A gente tem que se equilibrar nas próprias pernas, exatamente, é disso que se trata.

Então, acho que essa impossibilidade de teorização te retira qualquer segurança, te põe mesmo em jogo, no fogo, no fogo cruzado, com você se assegurando no teu taco, com a tua intuição, com o teu conhecimento com o quão maduro que você conseguiu se desenvolver na sua vida para dar conta daquilo ali que veio te questionar, que veio te exigir.

Lucas: Você diria que é apoiado no seu próprio vazio?

Arthur: É, o Heidegger fala: “conseguir se amparar no seu desamparo”. Eu gosto dessa expressão. Mas aí, se amparar no desamparo, num primeiro momento, pode ser muito instável, tão consumidor que você malemal dá conta da sua vida, quem dirá você vai cuidar do outro. Mas aí tem a questão da serenidade, à medida que você consegue um certo, uma certa frequência, você vira frequentador de se amparar no desamparo, você vai ganhando serenidade.

Essa semana eu li um poema do Juliano Pessanha na aula que acho que cabe. Chama *Poema Cerebral 1*. Vai assim, olha: “Ainda me retornam o pátio vermelho e o ladrilho azul de um casarão reminescente. Mas o que mais me lembro é do menino êxtase, do menino das velas quando as luzes se apagavam. O interior da casa se transfigurava e, imersa na penumbra, cada coisa retomava a dignidade da pergunta. Suspensa entre duas metades da mesma noite e abraçada pela insistência do escuro, a vida do homem sobre a Terra equivale a um passeio encantado do menino nostalgia. Cada coisa é uma epifania permanente e todo gesto humano testemunha o lugar surpreendente. Abandonar a medida é confiar na ternura do aparecimento.”

Lucas: A medida no sentido de...

Arthur: Da explicação, da teoria. “Abandonar a medida é confiar na ternura do aparecimento.” Então, confiar na ternura da aparição é, na liberdade, solta, confiar que vai rolar, vai dar tudo certo. Você confia no teu desamparo. Isso é serenidade.

Lucas: E um desamparo que, à maneira de quem você está acompanhando também está ali, né?

Arthur: Sim. O desamparo aí é radical, é não se amparar em nada. Ou melhor: se amparar no nada. Então acho que o AT fenomenólogo é esse artista que anda no arame, lá no circo, sem arame. Acho que a imagem que a gente pode cultivar é essa. No budismo existiam alguns exercícios sobre isso, por exemplo: “qual é o som de uma salva de palmas

com uma mão só?” Como é que se bate palma com uma mão só? Qual o som que brota de uma salva de palmas com uma mão só? É meio por aí. Na verdade, só te põe em questão. Não vem uma resposta. Tem a pergunta.

Tem uma outra que se faz que é assim: “quando chove, o espaço molha?” O espaço pode até ser medido, então nós estamos falando de algo ôntico. mas a pergunta “quando chove, o espaço molha?” se refere mais a um ôntico, que é a chuva, e o molhado referido a um ontológico, que só existe onticamente, não pode existir na ontologia. Mas o espaço é como se fosse a espacialidade, e a espacialidade oferece espaço. Que espaço? Espaço daquele chão. O chão molha, mas não o espaço.

Então é esse tipo de jogo de palavras que te tira das seguranças e te joga num...

Lucas: Quebra a lógica né:

Arthur: Isso, quebra a lógica.

Lucas: Bom e pra gente ir fechando, acho que desses temas que eu tinha te falado os principais eram dessas relações metodológicas entre a fenô existencial, principalmente do Heidegger, que dá pra estabelecer entre essa metodologia da fenô e a prática do AT; também essa noção de você não sobrepor e não explicar um fenômeno que não é medido, não pode ser explicado dessa forma científica; e um pouco de como essa postura do AT, embasado na fenomenologia existencial - acho que isso você poderia aprofundar um pouco mais - talvez falando como que essa postura ajuda no cuidado de outra pessoa em sofrimento, restrição.

Arthur: Então, não tem como você... outra vez, acho que remete à liberdade. Porque não tem como... Como essa questão de você “ajudou ou não” é sempre ôntica, você tem que pegar caso a caso e falar “olha, essa postura ajudou aqui assim, assim e assim, aquela ali ajudou assado...” No geralzão, falando como se fosse de uma maneira teórica, você tem que se remeter de novo à liberdade. Como ela é uma postura que, o tempo todo, tá norteadada pela libertação, pela liberdade e a liberdade é o que fornece a energia necessária para que tudo vigore num viço, num vicejar - pra que algo viceje, você precisa deixar que ele compareça livre - então a postura ajuda por causa disso. “Por causa de” já não é bom né, mas enfim.

Você pode pensar na atitude de um acupunturista. O que um acupunturista pretende? Liberar os espaços de congestionamento da energia que tá passando pelos

meridianos para que aquela energia flua. Então é a mesma coisa. Se você conseguir ajudar aquele ser humano a desentulhar o que entulhou, vai fluir a vida ali sozinha, você não faz nada. Você só ajuda ele a desembaralhar o que ficou embrulhado, o que ficou embaralhado.

Lucas: Desatar os nós.

Arthur: Desatar os nós.

Lucas: E a partir disso...

Arthur: Vai sozinho. O AT em fenô conta muito com a confiança na ternura do aparecimento, porque não para de aparecer. Seria a mesmidade, a mesmidade do mesmo. O mesmo é esse fluxo contínuo do tempo, a impermanência de tudo. Tudo está fluindo o tempo todo, o tempo não para.

Então, se você desobstruir o que está emperrando que o tempo flua, pronto. O próprio paciente te mostra como desobstruir. Você só tem que ter escuta pra conseguir capturar, captar como uma antena o que é que precisa ser trabalhado ali pra que o fluxo retome. E isso é a cada vez, também.

Lucas: Não tem um manual.

Arthur: Não tem. O manual é esse: é você se preparar. Exercícios de um bom AT: ir pro Atacama e se deixar hipnotizar pelas estrelas, por exemplo; casar e ter filhos, por exemplo; se envolver com uma mulher, amorosamente. São exercícios. Pode fazer um curso, pode fazer uma terapia. Ah! Ontem no Yuval, no final, a última pergunta é: "Você medita?" Então ele confessa que ele medita em Vipasana, que é uma linha dentro do Budismo, duas horas por dia, palavras dele e, por ano, ele tira e 30 a 60 dias de retiro espiritual. E por quê? Porque ele precisa, segundo ele, cuidar do autoconhecimento. E ele acha que, pra ele, é a prática que traz pra ele o maior benefício de autoconhecimento é a meditação Vipasana.

Mas pode ser terapia, pode ser um monte de coisa. pode ser, por exemplo, escalar uma montanha, ele falou. Escalar uma montanha. E por que isso? Isso que é importante. Porque os algoritmos vão ser nossos concorrentes, de agora em diante, no sentido de saber quem somos nós melhor do que nós. Então para nós garantirmos não ficarmos aprisionados pelos algoritmos, nós precisamos saber sobre nós mesmos melhor do que os

algoritmos. Então, escalar uma montanha, fazer meditação, tem vários tipos de meditação, não precisa ser Vipasana, mas pode ser a Vipasana, aconselho.

Lucas: Viajar.

Arthur: Viajar. Mas viajar mesmo né, não de agência de turismo, viajar mesmo. Porque agência de turismo pasteuriza tua viagem, te afasta de você, não te devolve.

Lucas: Bom, excelente, Arthur, ajudou muito mesmo. Foi bem esclarecedor, obrigado.

Arthur: É uma aula isso aí, dá fazer um podcast com isso. Depois me envia que eu vou colocar no meu site. Valeu.